

“
I D E

E FAZEI

DISCÍPULOS

ENTRE AS NAÇÕES!”

Mt, 28, 19

caderno de temas 2013

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	03
JANEIRO	
VATICANO II - AGGIORNAMENTO DA IGREJA	04
FEVEREIRO	
A GAUDIUM ET SPES E A IGREJA NO MUNDO ATUAL	10
MARÇO	
DEI VERBUM - CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA SOBRE A DIVINA REVELAÇÃO	16
ABRIL	
O CONCÍLIO VATICANO II E A SANTA MISSA	22
MAIO	
LUMEN GENTIUM	
O PAPEL DE MARIA NO MISTÉRIO DE CRISTO E DA IGREJA	28
JUNHO	
«IDE E FAZEI DISCÍPULOS ENTRE AS NAÇÕES»	35
JULHO	
BALANÇO	41
SETEMBRO	
NOVA EVANGELIZAÇÃO PARA A TRANSMISSÃO DA FÉ CRISTÃ	44
OUTUBRO	
AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS	50
NOVEMBRO	
AMA O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO	56
DEZEMBRO	
O CREDO	62

APRESENTAÇÃO

Bem-vindos equipistas a mais um novo ano e, com ele, juntamente o vosso NOVO caderno de temas!

Como sabem, as Equipas de Jovens de Nossa Senhora, como movimento da Igreja, quer estar alinhado com a proposta da Igreja e por isso, este Caderno de Temas será marcado por acontecimentos actuais muito importantes como o **Ano da Fé**, a Celebração dos **50 anos do início do Concílio do Vaticano II** e as **Jornadas Mundiais da Juventude**.

Ao longo do ano, faremos juntos uma caminhada onde iremos redescobrir as razões da nossa Fé e fortalecer o Apostolado Jovem, guiados pelo tema escolhido pelo Papa Bento XVI para as Jornadas Mundiais da Juventude **«Ide e Fazei Discípulos entre as Nações»**.

Porque a Igreja é feita de testemunhos vivos, concretos e actuais, o Caderno de Temas foi construído pelas mãos de pessoas com diferentes vivências espirituais, com o objectivo de podermos aprender e beneficiar da diversidade de experiências na Igreja. Neste sentido, cada Tema deverá ser olhado e compreendido, de acordo com o seu próprio carisma.

Este não é um caminho fácil. É muito exigente e por isso vos pedimos que vivam dessa forma as reuniões de Equipa. Propomos que os temas sejam previamente preparados e que não se fiquem pelos temas. Aquilo que aqui vos deixamos é apenas a base para chegar mais longe nos vossos debates e no aprofundamento de temas tão importantes para a nossa fé.

A estrutura do Caderno mantém-se igual à do ano passado: texto explicativo sobre o tema, pontos de discussão, pontos de oração que nos permitem aproximar Jesus através da relação pessoal com Ele, proposta para ponto de esforço, referências ao YouCat e Catecismo da Igreja Católica e, por fim, a oração final.

O vosso secretariado deseja-vos um óptimo ano de aprofundamento da fé e de aproximação Àquele que nos une!

Secretariado 2011/2013

Deixamos-te ainda uma pequena lista das abreviaturas que aparecem ao longo deste Caderno:

GS – *Gaudium et Spes*

LG – *Lumen Gentium*

SC – *Sacrosanctum Concilium*

DV – *Dei Verbum*

CIC – Catecismo da Igreja Católica

“ SINTO HOJE AINDA MAIS INTENSAMENTE O DEVER DE INDICAR O CONCÍLIO COMO A GRANDE GRAÇA DE QUE BENEFICIOU A IGREJA NO SÉCULO XX: NELE SE ENCONTRA UMA BÚSSOLA SEGURA PARA NOS ORIENTAR NO CAMINHO DO SÉCULO QUE COMEÇA.

JOÃO PAULO II, CARTA APOSTÓLICA NOVO MILLENNIO INEUNTE, JANEIRO DE 2001

”



VATICANO II - AGGIORNAMENTO DA IGREJA

O Ano da Fé, proclamado pelo Papa Bento XVI a 11 de Outubro de 2012, está intimamente ligado com o início do Concílio Vaticano II, há 50 anos atrás. Neste sentido, este primeiro Tema pretende ser uma breve introdução ao Concílio Vaticano II, procurando não só, fazer uma contextualização histórica deste importante acontecimento na vida da Igreja, como também apresentar os conteúdos descritos nos quatro principais documentos do Concílio. (cada um dos quatro documentos será posteriormente discutido, de forma mais aprofundada, nos temas dos próximos meses).

Porque o caminho que a Igreja tem percorrido ao longo dos últimos 50 anos é vivo, real e actual, para a discussão deste Tema, partiremos de um testemunho pessoal do Monsenhor Vítor Feytor Pinto, que teve oportunidade de participar nas duas últimas sessões do Concílio Vaticano II:

«A eleição do Papa João XXIII em 1958 constituiu para a Igreja inteira uma surpresa. Perguntava-se quem poderia suceder ao grande Papa Pio XII. Foi eleito o Cardeal Roncalli, um quase desconhecido, de 77 anos, e, aparentemente sem grande experiência no governo das comunidades cristãs, uma vez que vinha da diplomacia do Vaticano, nas Nunciaturas Apostólicas. A sua experiência de Paris, e depois o ter sido nomeado Cardeal de Veneza preparou-o para a missão que a Igreja lhe confiava, ser o sucessor de Pio XII. Dizia-se ser um Papa de transição. E, João XXIII quis contrariar a ideia. Na primeira reunião com os Cardeais, em S. Paulo Extramuros, anunciou a convocação de um Concílio. O motivo era simples, sentia a necessidade de actualizar a Igreja face aos grandes problemas do mundo em transformação, na década de 60. Foi a esta actualização que João XXIII chamou “Aggiornamento”.

Foi intensa a preparação do Concílio com a participação dos mais eminentes teólogos, entre os quais se destacavam Delouback, Daniel Hou, Yves Congar, Bernard Haering e o extraordinário Ratzinger (hoje Bento XVI). Julgava-se que os documentos preparatórios eram suficientes, pelo que o Concílio não demoraria mais do que um mês (isto mesmo me foi dito pelo meu Bispo da Guarda, quando partia para Roma). Afinal, os documentos foram vistos e revistos. Só a Constituição sobre a Igreja teve 13 redacções, e as 4 Constituições e 12 Decretos, com muitos debates, demoraram 4 anos a elaborar.

Tive a alegria de estar em Roma durante as últimas duas sessões do Concílio. Os nossos professores, no Centro Internacional Pio XII (movimento por um mundo melhor), eram os peritos do Concílio que nos permitiram acompanhar toda a reflexão que ali se

fazia. A 21 de Novembro de 1964, estive na Basílica de S. Pedro e assisti à proclamação da Constituição *Lumen Gentium* que redefinia a noção e a missão da Igreja. Foi um dos momentos mais belos da minha vida em que tive pela primeira vez a oportunidade de cumprimentar um Papa, Paulo VI.

Ao ler os textos do Concílio, gostaria de sublinhar sobretudo quatro linhas de força para serem reflectidos agora pelos jovens das Equipas de Nossa Senhora: a Igreja enquanto Povo de Deus, a importância do laicado, a chamada universal à santidade, e a relação da Igreja com o mundo.

1. A noção de Igreja

A Igreja era vista como «sociedade dos verdadeiros cristãos, isto é, dos baptizados que professam a fé em Jesus Cristo, cumprem os mandamentos e obedecem aos Pastores constituídos por ela» (S. Roberto Belarmino). O Concílio veio dizer que a Igreja, sendo um mistério, é o novo Povo de Deus. De facto, enquanto tal, tem como referência Cristo, como condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, como grande mandamento o amor, e como projecto a felicidade no tempo e na eternidade (cf. LG 9). Além disso, a Igreja relaciona-se com todos os homens, mesmo os que fazem parte de outras religiões: judeus, muçulmanos e outros (cf. LG 14 e 15). A Igreja acolhe ainda todos os homens de boa vontade que, «sem culpa não chegaram ao conhecimento de Jesus Cristo Salvador, mas vivem os valores naturais que a sua consciência lhes impõe» (cf. LG 16). Esta visão da Igreja permite-lhe olhar para o mundo para lhe levar a Salvação em Jesus Cristo.

2. A missão dos leigos

Os cristãos leigos têm um lugar importantíssimo na Igreja. O Concílio vem dizer que eles participam, a seu modo, na missão profética, sacerdotal e real de Jesus Cristo. Mais ainda, eles vivem o sacerdócio comum, integrando plenamente a vida da Igreja. É por isso que lhes é atribuída uma missão específica: «tratar da ordem temporal e orientá-la segundo Deus, para que progrida e assim glorifique o Criador e Redentor» (LG 31). É imprescindível a acção dos leigos, que de muitas formas, nas mais diversas situações, pelo testemunho de vida, e pelo anúncio explícito, anunciam Jesus Cristo, sem o qual a Salvação não é possível (cf. AA). Acrescente-se que o testemunho cristão que os leigos realizam consiste «no acolhimento e compreensão de toda a gente, na solidariedade com os mais pobres, na comunhão de vida e de destino com o povo de que fazem parte» (EN 21). Os leigos são na Igreja “extensão” que leva o Evangelho a todas as situações da vida.

3. A vocação à santidade

Ser santo consiste na comunhão plena e perfeita com Cristo. À santidade são

chamados todos os homens, os cristãos qualquer que seja a sua vocação, a sua função, o seu carisma, todos são convidados a ser santos. A santidade realiza-se pela oração e pela vida, pela contemplação e pela acção, pelo encontro pessoal com Cristo e pela partilha fraterna com todos os irmãos. O capítulo 5 da *Lumen Gentium*, fazendo a apologia da santidade, define claramente o chamamento universal a esta plena comunhão com Cristo. Os cristãos têm o dever de ser santos.

4. A relação da Igreja com o mundo

O documento mais interpelativo do Concílio Vaticano II foi, sem dúvida, o da Constituição *Gaudium et Spes*. Ali, se referem na primeira parte, os três elementos que é preciso garantir a qualquer homem: o respeito pela sua dignidade, a integração numa comunidade de vida, a actividade humana que permita a realização integral da pessoa no tecido social onde está presente. O cristão de hoje não pode deixar de conhecer estas três dimensões importantíssimas da sua vida, respeitando-as em si e nos outros. Porém, na prática, tem áreas onde tem de afirmar-se como cristão. O texto da *Gaudium et Spes*, chega a dizer que o divórcio entre a fé e a vida, em muitos cristãos, é o maior escândalo no mundo contemporâneo (GS 43). Aos cristãos compete intervir em cinco áreas fundamentais: na família, na vida cultural, na vida socio-económica, na vida política, e, finalmente, na construção da paz. A Igreja não pode estar de costas voltadas para o mundo. Tem de servir o mundo com os valores do Evangelho, para que surja o mundo novo desejado por Cristo. Valores a promover são, certamente, a verdade, a justiça, a liberdade e o amor. Só neles é possível construir um mundo novo solidário e fraterno. Para a construção deste mundo Cristo é a referência porque «não há salvação em nenhum outro senão em Jesus Cristo» (Act 4, 12)”

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. Este ano comemora-se os 50 anos do Concílio Vaticano II. Há um desconhecimento generalizado sobre o Concílio Vaticano II e sobre os seus documentos. O que sabemos nós acerca do Concílio? Já lemos alguma coisa? Quais as mudanças mais importantes da Igreja que temos assistido? Compreendo-as e procuro vivê-las?

2. Santo Agostinho dizia “Só amamos o que conhecemos”. Como podemos aprofundar, em equipa, o nosso conhecimento sobre a proposta doutrinal da Igreja Católica? Quando tenho dúvidas, ou sou confrontado com acusações à Igreja, qual é a minha atitude?

3. Ouvimos frequentemente vários comentários sobre a necessidade da Igreja se actualizar e/ou evoluir. O que é a verdadeira evolução do mundo? A actualização da Igreja não deverá estar intimamente ligada com a mensagem de Cristo? De que forma este *aggiornamento* da Igreja dá resposta às necessidades do mundo, hoje?

4. «Os cristãos têm o dever de ser santos». Sou capaz de fazer esta experiência de viver totalmente alinhado com a proposta da Igreja? A Santidade é um horizonte real e alcançável que procuro para a minha vida?

5. «Os leigos são na Igreja “extensão” que leva o Evangelho a todas as situações da vida». Qual o meu papel, enquanto jovem leigo, neste caminho de renovação da Igreja?

PONTOS DE ORAÇÃO

Confissão do Apóstolo Pedro | Mt 16, 13-20

1. **«E vós, quem dizeis que Eu sou?»** Que lugar tem Cristo na minha vida? Como falo d’Ele aos outros?

2. **«Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.»** Reconheço esta presença de Deus na minha vida/na Igreja, através do Seu Filho? Trago à memória momentos em que a Sua presença foi visível e agradeço-Lhe.

3. **«Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja»** É a partir do diálogo, da confiança entre Deus e os homens que nasce a Igreja. Sabendo da diversidade e ao mesmo tempo da universalidade da Igreja, sinto-me sua parte integrante?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

«Desejamos que este Ano suscite, em cada crente, o anseio de confessar a fé plenamente e com renovada convicção, com confiança e esperança. Será uma ocasião propícia também para intensificar a celebração da fé na liturgia, particularmente na Eucaristia, que é «a meta para a qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força» (Porta Fidei Carta Apostólica sob forma de motu próprio)

Propomos que, individualmente e diariamente, rezem o Símbolo dos Apóstolos, renovando, assim, a fé.

ORAÇÃO FINAL

Símbolo dos Apóstolos

Creio em Deus,

Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra;

e em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor,

que foi concebido pelo poder do Espírito Santo;

nasceu da Virgem Maria;

padeceu sob Pôncio Pilatos,

foi crucificado, morto e sepultado;

desceu à mansão dos mortos;

ressuscitou ao terceiro dia;

subiu aos Céus,

onde está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso,

de onde há-de vir a julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo.

na santa Igreja Católica;

na comunhão dos Santos;

na remissão dos pecados;

na ressurreição da carne;

na vida eterna.

Amen.

PONTO DE ESFORÇO _____

PRÓXIMA REUNIÃO _____

“

VOCÊS SÃO O FUTURO DO MUNDO, VOCÊS SÃO A ESPERANÇA DA IGREJA, VOCÊS SÃO A MINHA ESPERANÇA!

”

JOÃO PAULO II, 22 DE OUTUBRO DE 1978, APÓS A LITURGIA INAUGURAL DO SEU PONTIFICADO,
NA PRAÇA DE SÃO PEDRO



A GAUDIUM ET SPES E A IGREJA NO MUNDO ATUAL

«Devemos discordar desses profetas da desgraça que anunciam acontecimentos funestos, como se o fim do mundo estivesse próximo. A Igreja quer ir ao encontro das pessoas nas suas alegrias e esperanças, nos seus problemas e dificuldades». Foi com estas palavras que o Papa Beato João XXIII inaugurou o Concílio Ecuménico Vaticano II. Para João XXIII, a realização do Concílio correspondia a abrir “as janelas do Vaticano aos novos ares” que se respira no mundo de hoje, radicalmente diferente e desafiador. E fazê-lo com **alegria e esperança**.

Curiosamente, as primeiras afirmações da *Gaudium et spes*, aprovada a 7 de dezembro de 1965, um dia antes do encerramento do Concílio, reproduzem, quase integralmente, a Mensagem de abertura do Concílio: «As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração... Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história» (GS1).

A *Gaudium et spes*, Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo, referindo que «nos nossos dias, a humanidade, cheia de admiração ante as próprias descobertas e poder, debate, porém, muitas vezes, com angústia, as questões relativas à evolução atual do mundo, ao lugar e missão do homem no universo, ao significado do seu esforço individual e coletivo, enfim, ao último destino das criaturas e do homem» (GS 3), reflete sobre o papel, a presença e a atividade da Igreja no «mundo dos homens, ou seja a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive» (GS 2).

A Igreja é apresentada em íntima solidariedade com o género humano; sai de si mesma para chegar a todos os lugares e a todos os homens. **Quer ser a Igreja de todos, sobretudo dos pobres e dos que sofrem** (GS1). Quer «compreender o mundo [...] e as suas esperanças». Quer refletir sobre as transformações sociais e culturais, os valores e contra-valores da chamada modernidade, a evolução e limites da ciência, do progresso tecnológico e do crescimento económico. Quer interrogar-se sobre como traduzir a sua solicitude pastoral diante dos novos problemas e desafios. Assim, neste documento, na primeira parte, e porque «tudo quanto existe sobre a terra deve ser ordenado em função do

homem, como seu centro e seu termo» (GS 12), responde à grande interrogação de quem é o homem, para numa segunda parte, cooperar na solução das principais questões atuais.

No capítulo I, a Dignidade da Pessoa humana, a verdade sobre o homem é revelada com base

- na dignidade da pessoa humana (GS 22),
- na capacidade que cada um tem de conhecer a verdade na própria consciência (GS 16),
- na vocação humana à comunhão com Deus (GS 19-21).

O Concílio propõe claramente uma moral personalista e relacional, pondo de lado (diz o texto: «que ninguém se contente com») uma ética individualista (GS 30), isto é, de centrada na pessoa, criada à imagem de Deus, e na sua natureza social que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros. A interioridade, ou intimidade, é apresentada como lugar de encontro consigo próprio, com os outros e com Deus (GS 14), e é aí que cada pessoa experimenta o **chamamento à comunhão com Deus** (GS 19) **e à sua relação com a comunidade humana e com o mundo**. É aí também que o ser humano pode compreender as suas relações existenciais, que estão na raiz da sua responsabilidade pessoal, vividas livre (GS 17) e conscientemente (GS 16). É aí, no interior do seu ser, que cada um descobre a sua vocação. Uma vocação universal, fundada na sua dignidade de filho de Deus, mas ao mesmo tempo única como único é cada um.

Mas, pela sua própria natureza, a pessoa humana apenas se realiza, cresce segundo todas as suas qualidades e torna-se capaz de **responder à própria vocação**, graças ao contacto com os demais, ao mútuo serviço e ao diálogo com seus irmãos. Estas considerações acarretam dois princípios orientadores da vida em sociedade, descritos no Capítulo II: por um lado, o progresso da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade estão em mútua dependência e, por outro, a pessoa deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais.

O Capítulo III, abre horizonte sobre o valor do trabalho, enquanto atividade humana sem exceção, qualquer atividade quotidiana, salientando que «os homens e as mulheres que, ao ganhar o sustento para si e suas famílias, de tal modo exercem a própria atividade que prestam conveniente serviço à sociedade, com razão podem considerar que prolongam com o seu trabalho a obra do Criador, ajudam os seus irmãos e dão uma contribuição pessoal para a realização dos desígnios de Deus na história» (GS 34).

Na segunda parte, depois de ter exposto a dignidade da pessoa humana, bem como a missão individual e social que está chamada a realizar no mundo, o Concílio

chama a atenção para algumas necessidades mais urgentes do nosso tempo e que afetam profundamente a humanidade, traçando, para cada uma delas, alguns princípios orientadores de atuação e de decisão. «Entre as muitas questões que hoje a todos preocupam, importa relevar particularmente as seguintes: o matrimônio e a família (Capítulo II), a cultura humana (Capítulo III), a vida econômico-social e política (Capítulo IV), a comunidade internacional e a paz (Capítulo V). Sobre cada uma delas devem resplandecer os princípios e as luzes que provêm de Cristo e que dirigirão os cristãos e iluminarão todos os homens na busca da solução para tantos e tão complexos problemas» (GS 46).

Transversal a todo o documento, reconhece-se que para levar a cabo a missão de conhecer, compreender e iluminar o mundo, está presente o dever da Igreja de investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho (GS 4.11).

Mas o que se deve entender especificamente por “**sinais dos tempos**”? Como os reconhecemos e interpretamos?

Quando nos Evangelhos se usa esta expressão, colocando-a na boca de Jesus, encontramos-nos no interior da controvérsia com os fariseus. Pedem-Lhe um sinal; Jesus responde-Lhes: «Ao entardecer, vós dizeis: “Vamos ter bom tempo, pois o céu está avermelhado”; e, de manhã cedo, dizeis: “Hoje temos tempestade, pois o céu está carregado”. Sabeis interpretar o aspeto do céu; mas quanto aos sinais dos tempos, não sois capazes de os interpretar!». (Mt 16,2-3; pode ver-se também os outros sinóticos: Mc 8,11-13 e Lc 12,54-56).

Ora, o que são esses sinais? São os sinais messiânicos: Jesus é o Messias esperado e, por isso, quando João Batista, já na prisão, Lhe envia emissários a perguntar se era Ele o que havia de vir, ou se teriam de continuar à espera (cf. Mt 11,2-3), Jesus responde-Lhes dizendo: «Ide contar a João o que vedes e ouvís: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e o Evangelho é anunciado aos pobres» (Mt 11,4-5; pode ver-se o passo paralelo em Lc 7,18-23).

Por isso, se pela presença de Jesus, nos seus gestos e nas suas palavras, era possível identificar estes ‘sinais’ do Reino, também pela ação do Espírito Santo na Igreja é de esperar que ‘sinais’ análogos possam ocorrer no mundo em que vivemos.

Os Padres Conciliares estavam convencidos de que o grande ‘sinal dos tempos’ para o século XX era, exatamente, o Concílio Vaticano II.

Em resumo, o Concílio reafirma a convicção de que, apenas em Cristo, o homem se revela a si mesmo e descobre a sua vocação sublime. Cristo que «trabalhou com mãos

humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano» (GS 22), elevou a condição humana e conferiu-lhe uma dignidade sublime. Essa mesma dignidade, presente em todos os homens, confere valor a toda a atividade humana e é princípio original e originante de toda a convivência humana.

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. «As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das pessoas do nosso tempo (...) são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo». Na minha vida, quando estou mais desanimado/a ou triste, que sentido dou ao sofrimento? A quem recorro?

Acredito que a minha verdadeira alegria vem de? Em que medida a presença de Jesus Ressuscitado transforma a minha vida?

2. «A Igreja é apresentada em íntima solidariedade com o género humano; sai de si mesma para chegar a todos os lugares e a todos os homens».

Na vida em equipa, e como parte do movimento das EJNS, somos também chamados a ser a «Igreja de todos». De que forma a experiência na minha equipa/movimento me ajuda a estar mais atento/a ao mundo que me rodeia, sobretudo aos mais pobres e aos que mais sofrem?

3. A *Gaudium et Spes* revela-nos Cristo como o Homem Novo, pois «o mistério do Homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente» (GS 22).

De que forma nos restitui Jesus a verdadeira Dignidade Humana?

Sabendo da presença e testemunho d'Ele no meio de nós, qual a minha postura perante os atuais valores da sociedade?

4. Segundo o Documento, a Dignidade da Pessoa Humana assenta sobre três pilares fundamentais, entre os quais a «capacidade que cada um tem de conhecer a verdade na própria consciência» (GS 16).

Procuo formar a minha consciência, com a ajuda de Deus, à Luz da Verdade e dos princípios da Igreja?

Em que medida viver e fazer escolhas de acordo com a proposta da Igreja me torna mais livre?

5. Como interpreto as atuais formas dos velhos “sinais dos tempos”: egoísmo;

ganância; ateísmo; ... e de que maneira reconheço a presença de Jesus no dia a dia? Tal como o Concílio Vaticano II o foi para a Igreja no Séc XX, quais podem ser para a Igreja do Séc. XXI os “Sinais dos Tempos”?

PONTOS DE ORAÇÃO

Através dos Seus gestos, atitudes e palavras, Jesus, torna-nos mais livres, verdadeiros e humanos. Leio as seguintes passagens e observo a forma como Jesus se relaciona com os outros. Que aspetos da minha vida necessito de deixar que Jesus purifique?

Jo 8, 1-11 | A Mulher Adúltera

Lc 15, 11-32 | Parábola do Filho Pródigo

Mc 7, 31-37 | Cura de um Surdo-Mudo

PROPOSTA PARA PONTO DE ESFORÇO

Escolher uma característica de Jesus que me ajude a dignificar e purificar a minha vida e relações com os outros.

Todos os dias, fazer um breve exame de consciência à luz dessa característica e pedir-Lhe a Graça da transformação e renovação do meu coração.

PARA APROFUNDAR

Catecismo da Igreja Católica, nn. 1877-1948.

ORAÇÃO FINAL

Tu que deste a santidade aos santos,
e a sabedoria aos simples,
e desceste aquele ardor sobre os apóstolos
que deram testemunho de Ti,
acolhe e santifica os grãos desta oração.
Teus vivificantes dons
curem nosso temor dos caminhos.
Demora em nós a sombra
do Teu nome que salva.

Liturgia Maronita

PONTO DE ESFORÇO _____

PRÓXIMA REUNIÃO _____

“
SE QUISEDES SER EFICAZES
PREGADORES DA PALAVRA, DEVEIS
SER HOMENS DE FÉ PROFUNDA,
E AO MESMO TEMPO OUVINTES
ATUANTES DA PALAVRA”

BEATO JOÃO PAULO II



DEI VERBUM

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA SOBRE A DIVINA REVELAÇÃO

O Concílio Vaticano II, há 50 anos, começou com uma grande surpresa: depois da comissão teológica preparatória, escolhida pelo Papa João XXIII, ter trabalhado dois anos a preparar os documentos conciliares, em particular um dedicado ao tema da Revelação Divina – chamado “*Fontes da Revelação*” – este foi apresentado aos padres conciliares (cerca de 2350 Bispos de todo o mundo) logo na primeira Sessão do Concílio (outubro a dezembro de 1962) e foi recusado.

Desde logo, muitos bispos começaram a manifestar-se contra o documento apresentado e contra o próprio título, tendo o Papa decidido retirar o texto e reorganizar uma comissão para escrever outro documento.

Depois de vários anos de trabalho e de discussão na aula conciliar, com revisão do texto, o texto final da Constituição Dogmática *Dei Verbum* – “*Palavra de Deus*” – sobre a *Divina Revelação* acabou por ser aprovada na última Sessão Conciliar, em 1965, com um consenso muito significativo (2344 votos a favor, apenas 6 contra).

Como outros documentos do Concílio Vaticano II, este recorre a uma linguagem não tão densa e filosófica quanto a de concílios anteriores, mas mais apoiada na Sagrada Escritura.

Antes de começarmos a abordar o conteúdo do documento, deve-se ainda reter que a *Dei Verbum* é uma Constituição Dogmática, ou seja, um dos **documentos centrais do Concílio** (mais relevante do que um Decreto ou Declaração).

O documento está dividido em seis capítulos, entre a introdução e o epílogo:

Cap. I – A Revelação em si mesma.

Cap. II – Transmissão da Revelação Divina.

Cap. III – Inspiração Divina da Sagrada Escritura e a sua interpretação.

Cap. IV – O Antigo Testamento.

Cap. V – O Novo Testamento.

Cap. VI – A Sagrada Escritura na vida da Igreja.

O objetivo deste nosso tema é não só despertar o interesse por ler a *Dei Verbum* e outros documentos conciliares, como também procurar aprofundar mais a fé cristã e o **impacto do Concílio na Igreja hoje**.

Dada a sua extensão, abordaremos sobretudo os Capítulos I e II.

O documento começa assim: «O sagrado Concílio, escutando em atitude de fé a Palavra de Deus e proclamando-a com confiança, obedece às palavras de S. João:

«anunciamo-vos a vida eterna, que estava junto do Pai e nos apareceu: anunciamo-vos o que vimos e ouvimos, para que também vós vivais em comunhão connosco, e a nossa comunhão seja com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo» (1Jo 1,2-3).

Note-se que, nesta introdução, o Concílio indica o sentido da escuta como obediência de fé (ob-audire), uma obediência que se deve pela credibilidade d’Aquele que escutamos: **a Palavra de Deus, que é o próprio Jesus Cristo**, Deus feito homem que encarnou num tempo histórico preciso e assim entrou na história humana.

Ao mesmo tempo, as palavras e a vida de Jesus não são algo apenas a ser “ouvido”, mas também a ser **vivido e transmitido**. E o propósito da revelação é este: dar aos homens, a todos os homens, a participação na vida eterna de Deus, apenas possível pela morte e ressurreição de Jesus. Este anúncio de salvação chegou até nós, hoje, através da Igreja.

No primeiro capítulo, o Concílio esclarece a natureza e o objeto da Revelação. «Aprove a Deus na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cfr. Ef 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cfr. Ef 2,18; 2Ped 1,4)» (DV 2). Ou seja, Deus, por sua iniciativa, revela-Se aos homens, na sua intimidade, e esse é o próprio conteúdo da revelação.

Conhecer Deus não é uma conquista dos homens fruto da sua inteligência, mas um dom divino.

Ainda neste capítulo, o Concílio apresenta toda a história bíblica numa perspetiva unitária de história de salvação, desde o Antigo Testamento – a partir do Livro do Génesis, que narra o princípio dos tempos – até ao tempo de Jesus Cristo no Novo Testamento, como um caminho pedagógico de Deus que Se vai revelando progressivamente aos homens e anunciando o Salvador prometido, até ao clímax da Revelação: a Encarnação do Filho, Jesus Salvador.

De facto, neste processo longo de revelação, Deus, respeitando a nossa incapacidade, própria da condição limitada dos homens, de O acolher e compreender totalmente, veio ao nosso encontro de muitas formas.

«Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho (Heb 1,1-2). Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (cf. Jo 1,1-18)» (DV 4).

É Jesus a perfeita revelação e o perfeito revelador de Deus: «Por isso, vê-lo a Ele é ver o Pai (cf. Jo 14,9); com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com

o envio do Espírito de verdade, [Jesus] completa totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, a saber, que Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e para nos ressuscitar para a vida eterna» (DV 4).

O Concílio aponta aqui para um aspeto fundamental da fé cristã: a revelação de Jesus não se reduz a palavras. Ela é também **acontecimento**, é o conjunto histórico real e concreto, datável, das ações de Jesus, desde o nascimento, passando pela discreta vida de trabalho em Nazaré até aos 30 anos, atravessando depois toda a sua vida pública até à morte na Cruz e Ressurreição: tudo em Jesus é revelação do Pai.

O Concílio lembra ainda que a Revelação pública está terminada, pois “não se há de esperar outra revelação pública antes da gloriosa manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo”. Neste contexto, importa esclarecer a diferença entre a revelação pública e as revelações privadas, que continuaram a ocorrer ao longo da história (por exemplo, as aparições de Nossa Senhora em Fátima ou Lourdes).

Qual a diferença?

O Card. Ratzinger, na nota da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a Mensagem de Fátima, esclarece que “a noção «revelação pública» designa a ação reveladora de Deus que se destina à humanidade inteira e está expressa literariamente nas duas partes da Bíblia”, enquanto a revelação privada designa “todas as visões e revelações verificadas depois da conclusão do Novo Testamento” que têm por fim “ajudar a viver mais plenamente a revelação numa época da história”.

Nos Pontos 5 e 6, esclarece-se o que é a fé cristã e qual o papel da graça do Espírito Santo e da razão humana natural no ato de crer, como resposta à revelação: “pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus, prestando a «Deus revelador a homenagem plena da inteligência e da vontade» e dando voluntário assentimento à revelação feita por Ele”. Daí que a fé não seja apenas um conjunto de doutrinas a acreditar, mas um encontro pessoal com Cristo.

No Capítulo II, passa-se do acontecimento da ressurreição de Jesus para a sua transmissão, oral e escrita, pelos apóstolos e discípulos, que continua hoje, através da Igreja e dos bispos, diretamente sucessores dos apóstolos.

Neste contexto, o Concílio esclarece que “para que o Evangelho permanecesse sempre íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram os Bispos como seus sucessores, «entregando-lhes o seu próprio magistério»” (DV 7). Ou seja, nós hoje temos acesso à pessoa de Jesus não apenas pela Sagrada Escritura, mas também pela Sagrada Tradição, que garante a fidelidade do ensino dos Bispos e da Igreja – Magistério – à pregação dos Apóstolos, por ação do Espírito Santo que acompanha a Igreja.

De facto, é no próprio contexto da Tradição que se definiu, ao longo dos primeiros séculos da era cristã, o Cânone das Escrituras, isto é, o conjunto de livros que fazem parte da Bíblia.

O Concílio realça que só se pode ler a Sagrada Escritura no contexto da Tradição, isto é, na medida em que a Revelação é acolhida pela Igreja: o papel de «interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou transmitida foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo» (DV 10).

Assim se esclarece a diferença entre a fé católica e as religiões protestantes, que defendem uma interpretação livre da Sagrada Escritura. “Fica portanto claro que a Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja, segundo o sapientíssimo plano divino, estão de tal maneira unidos e associados, que um sem os outros não tem consistência, e todos contribuem eficazmente para a salvação das almas” (DV 10).

Os restantes Capítulos da Dei Verbum são também essenciais e dariam certamente para outro tema. Desde logo, no Capítulo III interessa compreender como foram escritos os livros da Bíblia e de que forma é que se entende a inspiração divina sobre o autor do livro. Além disso, importa compreender como interpretar o texto bíblico, os géneros literários presentes e a intenção do autor ao escrever. Os Capítulos IV e V abordam respetivamente o Antigo Testamento e o Novo Testamento e, em particular, a historicidade dos escritos e a origem apostólica dos Evangelhos. Finalmente, realçando o papel da Sagrada Escritura na vida da Igreja, o Concílio cita S. Jerónimo e exorta-nos a mergulhar mais profundamente na Palavra de Deus dizendo que «desconhecer as Escrituras é desconhecer Cristo» (DV 25).

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. A Dei Verbum realça a unidade da Sagrada Escritura, entre Antigo Testamento e Novo Testamento, com a progressiva revelação de Deus. Não me “chocam” certas passagens do Antigo Testamento? E que passagens do Antigo Testamento mais me marcam? [Houve até, ao longo da história, heresias como a de Marcião, que tendia a eliminar o Antigo Testamento, afirmando ser este desnecessário por termos o Novo Testamento, que “substituiu” o Antigo. Mas a Igreja sempre rejeitou essa tese, afirmando a unidade da Sagrada Escritura.]

2. A Dei Verbum centra-se sobretudo na morte e ressurreição de Jesus, no seu Mistério Pascal. Compreendo que o centro da nossa fé cristã está na Cruz?

3. Apenas conheço Jesus hoje porque ao longo destes 2000 anos de História, tantos homens e mulheres foram transmitindo a fé até mim, na Igreja. E eu, a quem anuncio?

4. «Desconhecer a Escritura é desconhecer Cristo»: Rezo com a Palavra de Deus?
Ou como costume rezar?

PONTOS DE ORAÇÃO

1. «Quem Me vê, vê o Pai» (Jo 14, 9): que imagem tenho de Deus?
2. Neste Ano da Fé, uma forma de rezar é também aprofundar as razões da nossa fé. Relacionado com este tema, desafiamos-te a ler no Youcat os pontos 7-19 e 36 ou o próprio documento *Dei Verbum*.
3. Jesus é a Revelação e o Revelador do Pai. Ao mesmo tempo, é no Mistério de Jesus Cristo que se revela o Homem, na sua dignidade. Meditando nesta revelação de Deus Amor, contempla Jesus morto ao colo de Nossa Senhora (uma estátua/quadro da Pietá). Quem és tu? Quem te diz Jesus que tu és?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Uma boa forma de mergulhar mais a sério na Palavra de Deus é ler as leituras da Missa de cada dia. Para isso, o propósito deste mês é leres diariamente o e-mail do Evangelho Quotidiano (adesão grátis!) ou arranjares uma maneira de ler todos os dias o Evangelho da Missa. Se já o fazes, aproveita a ir mais longe, dedicando 15 minutos de oração a partir dessas leituras.

PARA APROFUNDAR

YouCat - 7.

ORAÇÃO FINAL [Adaptação de Deus, *qui claro lumine*]

Deus, que fizestes o dia,	fatigados do trabalho,
criastes para nós a claridade do dia.	caiam exaustos nas trevas.
Quando vem caindo a tarde	Não desça a escuridão
nós vos cantamos, Senhor.	sobre o nosso pensamento,
Aproxima-se o crepúsculo,	pois nos envolve e protege
o sol ao longe declina	o esplendor da vossa graça.
e a noite que se avizinha	Glória a Vós, Pai de bondade,
alarga o seu véu de sombra.	e ao vosso Filho Unigénito
Mas Vós, Senhor Deus Altíssimo,	que reinais com o Espírito Santo,
não deixeis que os vossos servos,	pelos séculos dos séculos.
	Ámen.

PONTO DE ESFORÇO _____

PRÓXIMA REUNIÃO _____

“

SEM A SANTA MISSA,
O QUE SERIA DE NÓS?
TODOS NÓS PERECERÍAMOS,
UMA VEZ QUE ELA É A
ÚNICA COISA QUE PODE
DETER O BRAÇO DE DEUS.
SEM ELA, CERTAMENTE A
IGREJA NÃO DURARIA E O
MUNDO ESTARIA PERDIDO
IRREMEDIAVELMENTE.

”

SANTA TERESA DE JESUS.



ABRIL

O CONCÍLIO VATICANO II E A SANTA MISSA CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM

É sempre bom olharmos para a nossa história: nós como Povo de Deus temos séculos de história e somos herdeiros de uma Igreja que nos precede, nos acompanha e vai permanecer depois de nós; e por isso somos desafiados a descobrir o nosso lugar neste caminho para poder percorrer e também fazer parte desta história.

Ao longo dos tempos a Igreja como comunidade viva sente a necessidade de se aproximar da humanidade que serve. A necessidade de reformar a liturgia surge em meados do sec. XVIII com o Papa Bento XV (1740-1758) que nomeia uma comissão para esse fim. Com a morte do Papa a reforma não avança e, em 1903 Papa Pio X convidou os Católicos a “participarem” ativamente nos sagrados mistérios. Em 1947 o Papa Pio XII nomeou uma comissão encarregada da reforma litúrgica. Foi Pio XII que reduziu a lei do Jejum, permitiu as missas vespertinas, o uso do vernáculo e em 1955 aprovou a reforma da Semana Santa.

Tanto o Movimento litúrgico, surgido em 1909 como os movimentos litúrgicos do Magistério punham em relevo o **carácter comunitário da liturgia**. Com isto, entende-se que a constituição sobre a liturgia tenha sido logo discutida no início do concílio, entre 22 de outubro e 13 de novembro de 1962, tendo sido promulgada a 4 de dezembro de 1963. O catecismo de S. Pio X diz-nos que: «A santa Missa é o sacrifício do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo que, sob as espécies do pão e do vinho, se oferece por mãos do sacerdote a Deus sobre o altar, memória e renovação do sacrifício da Cruz.» Podemos dizer que esta realidade é perene e, por isso, o **essencial** dos mistérios que celebramos não mudam nem com o tempo nem com vontades particulares, mais ou menos conservadoras ou progressistas.

A Igreja, no dizer do Beato João XXIII, é Mãe e Mestra da Humanidade e sobre isto, a constituição sobre a sagrada liturgia diz-nos que: «É desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela **plena, consciente e ativa** participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da Liturgia exige e que é, por força do Batismo, um direito e um dever do povo cristão, «raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido». (1 Ped. 2,9; cfr. 2, 4-5) (SC 14)

A Reforma da Sagrada Liturgia no Concílio Vaticano II tinha como objetivo aproximar o povo cristão à graça que nos foi dada por Deus de podermos estar em comunhão com Ele. Contudo, a Igreja deseja fazer uma reforma cuidada da liturgia, pois esta «compõe-se duma parte imutável, de instituição divina, e de partes suscetíveis de modificação, às quais podem e devem variar no decorrer do tempo, se porventura se tiverem introduzido nelas elementos que não correspondam tão bem à natureza íntima da Liturgia ou se tenham

tornado menos apropriados.». (SC 21)

Somos convidados a participar conscientemente nas celebrações da Igreja mas, para que isto aconteça, precisamos de perceber o sentido da reforma do Vaticano II: “Nesta reforma, proceda-se quanto aos **textos e ritos**, de tal modo que eles expressem com mais clareza as coisas santas que significam, e, quanto possível, o povo cristão possa mais facilmente apreender-lhes o sentido e participar neles por meio de uma **celebração plena, ativa e comunitária**” (SC 21). Destas reformas iremos aprofundar três:

- O lugar da Sagrada Escritura na liturgia (SC 24, 33 e 34)
- A liturgia como ação da Igreja comunitária e a participação do povo (SC 26 e 30)
- Normas para a adaptação da Liturgia à índole e tradições dos povos (SC 37)

O lugar da Sagrada Escritura na liturgia

A sagrada Escritura assume um papel muito importante na liturgia, pois é a fonte onde se vão buscar as leituras e é com a sua inspiração que nasce a oração dos fiéis. A Palavra de Deus tem também um carácter de instrução pois é através da mesma que Deus nos fala.

Para além disto, a Sagrada Liturgia deve estar articulada com o rito, ou seja, as leituras, homília e orações devem estar adaptadas ao ano litúrgico (Quaresma, Advento, Tempo Comum). Refere ainda que «o ministério da palavra deve ser exercido com muita fidelidade e no modo devido. A pregação deve ir beber à Sagrada Escritura e à Liturgia, e ser como que o anúncio das maravilhas de Deus na história da salvação, ou seja, no mistério de Cristo, o qual está sempre presente e operante em nós, sobretudo nas celebrações litúrgicas.» (SC 35)

A liturgia como ação da Igreja comunitária e a participação do povo

O concílio pretendeu valorizar a importância da Liturgia na vida de cada um dos fiéis, celebrando com verdade a **fé em comunidade**. Reforça ainda que a liturgia não deve ter um carácter privado, mas público, de forma a que a celebração seja um sacramento de unidade, ou seja, onde o povo se reúne em nome de Deus.

Quer que estejamos presentes na liturgia de uma forma ativa e não passiva, procurando participar na liturgia através da leitura da sagrada escritura, da oração dos fiéis, e também dos cânticos. A propósito disto, diz-nos: «É por isso que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os **cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos**, mas participem na ação sagrada, consciente, ativa e piedosamente, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; dêem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador progridam na unidade com Deus e entre

si, para que finalmente Deus seja tudo em todos.» (SC 48)

Normas para a adaptação da Liturgia à índole e tradições dos povos

A Igreja não pretende impor uma **forma única e rígida** no que se refere à Liturgia. O desejo da Igreja é «procurar desenvolver as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos. A Igreja considera com benevolência tudo o que nos seus costumes não está indissolúvelmente ligado a superstições e erros, e, quando é possível, mantém-no inalterável, por vezes chega a aceitá-lo na Liturgia, se se harmoniza com o verdadeiro e autêntico espírito litúrgico.» (SC 37)

Sobre isto, o Catecismo da Igreja Católica diz-nos que: «Desde a primeira comunidade de Jerusalém até a parusia, é o mesmo mistério pascal que é celebrado, em todo lugar, pelas Igrejas de Deus fiéis à fé apostólica. **O mistério celebrado na liturgia é um só**, mas as formas da sua celebração são diversas. A riqueza insondável do mistério de Cristo é tal que nenhuma expressão litúrgica é capaz de esgotar sua expressão. (...) As diversas tradições litúrgicas surgiram justamente em razão da missão da Igreja. As Igrejas de uma mesma área geográfica e cultural acabam celebrando o mistério de Cristo através de expressões particulares tipificadas culturalmente: na tradição do depósito da fé (2Tm 1, 14), no simbolismo litúrgico, na organização da comunhão fraterna, na compreensão teológica dos mistérios e nos tipos de santidade. Assim, Cristo, luz e salvação de todos os povos, é manifestado pela vida litúrgica de uma Igreja, ao povo e à cultura aos quais ela é enviada e nos quais está enraizada. A Igreja é católica: pode integrar na sua unidade, purificando-as, todas as verdadeiras riquezas das culturas». (Catecismo da Igreja Católica 1200-1202)

Concluindo, estar por dentro, entrar no mistério da relação com Deus é aproximarmos da revelação do próprio Deus, Jesus Cristo. A Missa é **uma antecipação da vida eterna**, onde temos a oportunidade de estar, aqui e agora, em verdadeira comunhão com Ele, pois é Ele que se oferece em alimento. É este o caminho que nos é proposto pelo Concílio, ir mais a fundo na nossa relação com Deus, participarmos neste Mistério. Mais do que a forma, o que importa é o conteúdo; mais do que os ritos exteriores, o mais importante é a interioridade e a verdade com que eles são celebrados, na Igreja e com a Igreja. Assim, para celebrar, precisamos da humildade que é própria de quem sabe que não é «senhor» nem da liturgia nem da Santa Missa, mas que somos servidores dos mistérios de Deus que ali celebramos.

Para melhor entender o que se vive quando celebramos a Missa, propomos o aprofundamento da Sagrada Escritura, onde Cristo doou «o Espírito Santo aos Apóstolos, concedeu-lhes a eles e aos seus sucessores o poder de realizar a obra da salvação por meio do Sacrifício eucarístico e dos sacramentos, nos quais Ele próprio age agora para comunicar

a sua graça aos fiéis de todos os tempos e em todo o mundo.» (CIC 222)

Lc 22, 14-20 | **Instituição da Eucaristia**

“Quando chegou a hora, pôs-Se à mesa e os Apóstolos com Ele. Disse-lhes: “Tenho ardentemente desejado comer convosco esta Páscoa, antes de padecer, pois digo-vos que já não a comerei até ter pleno cumprimento no reino de Deus.” Tomando uma taça, deu graças e disse: “Tomai e reparti entre vós, pois digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira até chegar o reino de Deus”. Tomou, então pão e, depois de dar graças, partiu-o e deu-lhe dizendo: **“Isto é o Meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em Minha memória”**. Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no Meu sangue, que por vós se vai derramar”.

1 Cor. 11, 23-25 | **A ceia do Senhor**

«Eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue tomou o pão, e, depois de dar graças, partiu-o e disse: «Isto é o Meu corpo, que será entregue por vós, fazei isto em Minha memória». Do mesmo modo, depois de cear, tomou o cálice e disse: **«Este cálice é a Nova Aliança no Meu sangue; todas as vezes que o beberdes, fazei-o em Minha memória»**.

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. «A santa Missa é o sacrifício do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo que (...) se oferece por mãos do sacerdote a Deus sobre o altar, memória e renovação do sacrifício da Cruz.» (Catecismo de Pio X)

Como é que eu vivo a Santa Missa? O que “levo” para entregar a Deus, o que espero que seja transformado por Deus?

2. «É por isso que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, ativa e piedosamente, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; » (SC 48). Quando vou à Missa, sinto-me participante deste mistério da fé? Faço parte, de alguma forma, da comunidade onde vou à Missa?

3. O Concílio Vaticano II veio propor-nos entrarmos no mistério da relação com Deus e de estarmos em comunhão com Jesus Cristo através da Missa. Experimentando esta verdadeira comunhão com Cristo no sacramento da Eucaristia, consigo deixar entrar Jesus

no meu dia a dia? De que forma este sacramento me “prepara” para as minhas missões diárias (trabalho/estudo/família/amigos)?

PONTOS DE ORAÇÃO

1. Lc 22, 14-20 | **Instituição da Eucaristia**

Coloco-me na cena da Última Ceia, na pele dos discípulos. Desejo ardemente «comer esta Páscoa» com Jesus? Como me “apresento” diante deste Jesus que se vai entregar na cruz por mim?

2. Mt 3, 3-9 | **Parábola do semeador**

«Outras caíram em terra boa e deram fruto»

Como me preparo para receber Jesus? Deixo que Ele atue em mim e que dê fruto?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Participar na Eucaristia é o que nos mantém em contacto com Jesus Ressuscitado e com todos os fiéis, Corpo da Igreja Católica.

Durante o mês, procurar participar na Sagrada Eucaristia pelo menos mais uma vez por semana para além de domingo.

PARA APROFUNDAR

Youtcat : 167-171/ 192/ 208- 223

ORAÇÃO FINAL | Jesus, Vós no meu coração [Madre Teresa de Calcutá]

Jesus, Vós no meu coração,
acredito no Vosso amor por mim
e amo-Vos. Ámen.

PONTO DE ESFORÇO _____

PRÓXIMA REUNIÃO _____

“ NO CÉU TEMOS UMA MÃE. ESTANDO EM DEUS E COM DEUS, ELA ESTÁ PRÓXIMA DE NÓS. ELA CONHECE O NOSSO CORAÇÃO, PODE OUVIR AS NOSSAS ORAÇÕES, PODE AJUDAR-NOS COM A SUA BONDAD E MATERNA E É-NOS DADA, COMO DISSE O SENHOR, COMO MÃE, À QUAL PODEMOS DIRIGIR-NOS EM TODOS OS MOMENTOS. ”

PAPA BENTO XVI, HOMÍLIA NA SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO, AGOSTO DE 2005



LUMEN GENTIUM

O PAPEL DE MARIA NO MISTÉRIO DE CRISTO E DA IGREJA

Ao convocar o Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII tinha um objetivo bastante claro: “*aggiornamento*”, atualização da Igreja diante das questões colocadas pela sociedade da época.

A constituição sobre a Igreja – Lumen Gentium (LG) (Luz dos Povos) – torna-se como que o tronco do Concílio e representa, no campo da eclesiologia, uma autêntica revolução. **Surge um novo modo de ser e de compreender a Igreja.** De um modelo de Igreja como sociedade perfeita, passa-se agora a um modelo plural e universal, no qual a Igreja é apresentada como o Corpo de Cristo. «É nesse corpo que a vida de Cristo se difunde nos que creem, unidos de modo misterioso e real por meio dos sacramentos.» (LG 7).

No capítulo I somos introduzidos no **Mistério da Igreja**, no qual a Igreja Terrestre e a Igreja Celeste se tornam, através do mistério da Encarnação, «uma única realidade complexa, formada pelo duplo elemento humano e divino» (LG 8). Tal como Cristo realizou a Sua obra de Redenção do Mundo num contexto de perseguição e pobreza, também a Igreja hoje, pretende abraçar com amor todos os que sofrem e são perseguidos, procurando assistir às suas necessidades e difundir, em todos, a Verdade e a Graça de Deus.

O capítulo II apresenta o **desenvolvimento histórico da igreja**. O novo povo de Deus, uno e universal, é formado por todos os que creem. Deus, em Jesus Cristo, quer salvar todas as pessoas, não apenas os privilegiados. Por isso somos chamados a evangelizar, ou seja, a dar a conhecer o Evangelho a todo o mundo, para que todos conheçam Jesus e se possam converter. Constitui-se assim uma Igreja Missionária.

Os capítulos III e IV descrevem a **estrutura orgânica da Igreja**. Não há pessoas mais importantes ou mais valiosas para Deus do que outras. Todos temos um lugar específico e único na Igreja, que tem a sua importância e uma missão particular. Contudo, nem todos somos chamados ao mesmo. Por isso se distingue na estrutura orgânica da Igreja entre a hierarquia (Bispos, Presbíteros e Diáconos) e os leigos. Em comum temos o Batismo: somos todos filhos de Deus e participamos da mesma vocação à santidade, que depois se pode concretizar de maneiras diferentes. O Concílio reforça ainda a importância do papel dos leigos, aos quais «compete por vocação procurar o Reino de Deus tratando das **realidades temporais e ordenando-as segundo Deus**. Vivem no mundo, isto é, em toda e qualquer ocupação e atividade terrena, e nas condições diárias da vida familiar e social. São chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, convirjam para a santificação do mundo a partir de dentro, como o

fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade.» (LG 31).

Nos capítulos V e VI, o Concílio introduz-nos à **Vocação Universal à Santidade**, nos seus diversos géneros e estados da vida em Igreja. A missão essencial da Igreja é a santificação: a Igreja é Santa e todos na Igreja são chamados à Santidade. Torna-se assim, bem evidente para todos, que o apelo à santidade, à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade dirige-se a todos os que creem em Cristo. Muitas vezes olhamos para os Santos com admiração mas também com distância, pensando que nunca poderemos ser como eles. Mas é precisamente para nos inspirarem que a Igreja no-los apresenta: porque a Santidade é possível! Somos todos chamados a ser Santos, cada um a seu modo. Não seremos iguais a nenhum outro santo, mas se lutarmos pela santidade na nossa vida veremos como Deus também quer fazer através de nós obras extraordinárias. Os Santos da Igreja não revelam assim um modelo de vida inalcançável e transcendente, mas apresentam-se como seres humanos que aderem totalmente a Deus e aos horizontes de vida teológica a que Deus os convida: vida em comunhão de Fé, de Esperança e de Caridade.

Nos dois últimos capítulos da *Lumen Gentium* introduz-se a **União da Igreja Celeste com a Igreja Peregrina** (capítulo VII) e o **Papel da Virgem Maria** no mistério de Cristo e da Igreja (capítulo VIII).

A VIRGEM MARIA

Sendo maio o mês de Nossa Senhora e tendo em conta o carisma Mariano do Movimento das EJNS, pretende-se com este tema, aprofundar o capítulo final da constituição dogmática sobre a Igreja, no qual o Concílio dá um enorme relevo à **relação de Maria com a Igreja**.

O Concílio torna evidente que a Mãe do Senhor não é figura marginal no âmbito da fé e da teologia, pois ela, mediante a sua íntima relação e participação na história da salvação, tem um **papel central na constituição e missão da Igreja**. Na verdade, o mistério de Maria é inseparável do mistério de Cristo, e porque é inseparável de Cristo, é também inseparável do mistério da Igreja.

No Capítulo VIII da *Lumen Gentium*, o Concílio esclarece não só, a relação de Maria com o mistério do Verbo Encarnado, como também reflete sobre o papel daquela que «na Santa Igreja ocupa, depois de Cristo, o lugar mais elevado e também o mais próximo de nós» (LG 54):

a) Na perspectiva de Cristo:

Segundo a doutrina do Concílio, a própria relação de Maria com Deus Pai é determinada na perspectiva de Cristo. Com efeito Deus, «quando veio a plenitude dos

tempos, mandou o seu Filho nascido duma mulher (...) para que recebêssemos a adoção de filhos» (Gal. 4, 4-5). Maria, portanto, que por condição era a «Serva do Senhor», tendo acolhido «no coração e no corpo o Verbo de Deus» e levado «a Vida ao mundo», torna-se por graça «Mãe de Deus». Em vista desta missão, Deus Pai preservou-a do pecado original, encheu-a da abundância dos dons celestes e, nos seus sapientes desígnios, «quis (...) que a aceitação da mãe predestinada precedesse a Encarnação».

O Concílio, ilustrando a **participação da Virgem na história da salvação**, expôs sobretudo as relações múltiplas que existem entre Maria e Cristo:

- Como **fruto** mais excelente da redenção, tendo sido «redimida dum modo tão sublime em vista dos méritos de seu Filho»; por isso os Padres da Igreja, a Liturgia e o Magistério não hesitaram em chamar a Virgem «filha do seu Filho» na ordem da graça;
- De **mãe** que, acolhendo com fé o anúncio do Anjo, concebeu no seu seio virginal, pela ação do Espírito e sem intervenção de homem, o Filho de Deus segundo a natureza humana; deu à luz, alimentou-o, guardou-o e educou-o;
- De **serva** fiel, que «se consagrou totalmente a si mesma (...) à pessoa e à obra do seu Filho, subordinada a Ele e com Ele»;
- De **associada** ao Redentor: «com o conceber Cristo, gerá-Lo, nutri-Lo, apresentá-Lo ao Pai no templo, sofrer com o seu Filho morrendo na cruz, ela colaborou dum modo muito especial na obra do Salvador, com a obediência, a fé, a esperança e a caridade ardente»;
- De **discípula** que, durante a pregação de Cristo, «recolheu as palavras, com as quais o Filho, exaltando o Reino acima das relações e dos vínculos da carne e do sangue, proclamou bem-aventurados os que ouvem e guardam a palavra de Deus como ela fielmente fazia».

Na perspetiva cristológica devem-se ler também as relações entre o Espírito Santo e Maria; Maria tornou-se **templo do Espírito Santo**, concebendo no seu seio virginal e dando ao mundo Jesus Cristo. No episódio da Visitação, derramam-se, por meio dela, os dons do Messias Salvador: a efusão do Espírito sobre Isabel, a alegria do futuro Precursor (cf. Lc. 1, 41).

Cheia de fé na Promessa do Filho (cf. Lc. 24, 49), a Virgem constitui também uma **presença orante** no meio da comunidade dos discípulos: perseverando com eles na concórdia e na súplica (cf. Act. 1, 14), implora «com as suas orações o dom do Espírito, que sobre ela tinha já descido na anunciação».

b) Na perspetiva da Igreja

Em vista da Encarnação do Seu Filho, e portanto também na perspetiva da criação da Igreja, desde toda a eternidade, Deus quis e escolheu a Virgem Maria.

- É «reconhecida como **membro** supereminente e singularíssimo da Igreja», por causa dos dons da Graça com que é adornada e pelo lugar central que ocupa no Corpo Místico;
- É **mãe** da Igreja, pois é «Mãe d’Aquele, que, desde o primeiro instante da Encarnação no seu seio virginal, uniu a si como Cabeça o seu Corpo Místico que é a Igreja»;
- Pela sua condição de virgem, esposa e mãe é **figura** da Igreja, sendo virgem pela integridade da fé, esposa pela sua união com Cristo e mãe pela geração de inumeráveis filhos;
- Pelas suas virtudes é **modelo** da Igreja, que nela se inspira no exercício da fé, da esperança, da caridade e na atividade apostólica;
- Através da sua intercessão e caridade materna cuida dos irmãos do seu Filho, ainda peregrinos. Por isso a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de **advogada e auxiliadora**;
- Assunta ao Céu em corpo e alma, é a «**imagem**» escatológica e a «primícia» da Igreja, que nela «contempla com alegria (...) o que ela, toda deseja e espera ser» e nela encontra um «sinal de segura esperança e de consolação».

O culto de Maria é assim apresentado no Concílio Vaticano II numa perspetiva voltada para a **imitação das suas virtudes simples** e para a celebração bíblica da sua existência real e histórica - sem milagres nem revelações extraordinárias. É através da sua íntima relação com Cristo e ativa participação na Obra de Redenção do mundo que Maria se torna central na missão da Igreja e por isso, no caminho de Santidade de cada um de nós. A vivência e proximidade de Maria com o mistério de Jesus Cristo tornam-na, inevitavelmente, presente e mediadora da nossa relação com Deus, protegendo-nos e intercedendo por nós, como Mãe, e sendo modelo para a nossa Santificação.

A Virgem Maria é essencial na vida da Igreja e quem a vê centra o seu olhar necessariamente em Jesus. Também nas Equipas de Jovens de Nossa Senhora devemos dar um lugar de destaque a Maria, não esquecendo que ela não pretende ofuscar o diminuir a nossa relação com Jesus, mas levar-nos sempre mais próximo d’Ele.

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. A *Lumen Gentium* define o papel dos Leigos como aqueles que «São chamados por Deus para que (...) exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, converjam para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade.» (LG 31) De que forma posso, como leigo, viver esta adesão total a Cristo, no quotidiano da minha vida?

2. O Concílio esclarece-nos que a vocação à Santidade é Universal, e por isso alcançável e aberta a todos, independente da sua situação ou condição. Que impacto tem na minha vida este chamamento à Santidade? Acredito mesmo que é possível ser Santo?

3. Na doutrina do Concílio Vaticano II, Maria é apresentada como aquela que «ocupa depois de Cristo o lugar mais elevado e também o mais próximo de nós». Sou capaz de fazer esta experiência de proximidade e simplicidade com Nossa Senhora? Ou olho-a como uma figura distante e um modelo de vida “inalcançável”?

4. Tal como há 2000 anos, Maria participou ativamente na obra de Salvação de Jesus, também hoje assume um papel central na missão da Igreja. Que lugar ocupa Maria no meu caminho de Fé e na minha relação com Jesus?

PONTOS DE ORAÇÃO

Ao contemplarmos e conhecermos melhor Nossa Senhora, tornamo-nos, como ela, parte do mistério da Encarnação de Jesus. Acompanhar Maria ao longo da sua vida e compreender a sua relação com Jesus, ajuda-nos a Santificar a nossa vida quotidiana e a centrar o nosso coração n'Ele, tal como ela o faz.

Propomos-te que leias e medites as seguintes passagens, procurando focar o teu olhar em Nossa Senhora e deixando que ela, como primeira discípula de Jesus, te ajude e ensine a viver mais próximo d'Ele.

A Anunciação | Lc 1, 26-38

«Faça-se em mim segundo a Vossa vontade.» De que preciso de me libertar e desprender para ser capaz de entregar totalmente a minha vida nas mãos de Deus?

A Visitação | Lc 1 39-56

«Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha.» Tenho consciência de que, também eu, trago Jesus dentro de mim e sou chamado a leva-lo aos outros?

As Bodas de Caná | Jo 2 1-12

«Fazei tudo o que Ele vos disser.» O que quer Jesus de mim? Que “tudo” é este que sou chamado a entregar-Lhe?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Maio é o mês de Maria. E que melhor maneira de nos aproximarmos dela e do seu Filho Jesus Cristo do que fazer o que ela nos pediu? Este mês propomos-te que rezes o terço todos os dias e que contemples as maravilhas de uma relação profunda com Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe.

Propomos também que escolhas uma característica de NS que esteja em falta na tua vida e que a ponhas em prática durante o mês.

PARA APROFUNDAR

YouCat 479.

ORAÇÃO FINAL | Mãe, Tu permaneceste fiel Santa Maria, Mãe do Senhor, Tu permaneceste fiel quando os discípulos fugiram. Assim como acreditaste quando o Anjo te anunciou o inacreditável, Mãe do Altíssimo, assim como acreditaste na hora da Sua mais profunda humilhação. Assim, na hora da Cruz, na hora da noite mais escura do mundo, Te tornaste na Mãe dos crentes, na Mãe da Igreja. Te pedimos: ensina-nos a acreditar e ajuda-nos a transformar a fé em coragem para servir e na acção do amor que ajuda e se compadece. Amen.

[Papa Bento XVI]

PONTO DE ESFORÇO _____

PRÓXIMA REUNIÃO _____

“

A IGREJA, PARA CONTINUAR ESTA MISSÃO DE EVANGELIZAÇÃO, CONTA TAMBÉM CONVOSCO. QUERIDOS JOVENS, VÓS SOIS OS PRIMEIROS MISSIONÁRIOS NO MEIO DOS JOVENS DA VOSSA IDADE!

”

MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI PARA A XXVIII JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE



«IDE E FAZEI DISCÍPULOS ENTRE TODAS AS NAÇÕES»

A pouco mais de um mês das Jornadas Mundiais da Juventude no Rio de Janeiro, propomos que aprofundem, em equipa, a Carta que o Papa escreveu aos jovens por ocasião deste grande momento que a Igreja nos propõe. Apesar de estar direcionado para as JMJ, este tema está também integrado no Ano da Fé em conjunto com o Sínodo dos Bispos para a Nova Evangelização (tema de setembro). Em conjunto com a Igreja, também nós somos convidados a refletir sobre estes temas tão atuais e presentes no nosso dia a dia.

A 18 de outubro de 2012, o Papa Bento XVI escreveu esta Mensagem aos jovens, aprofundando o tema «Ide e fazei discípulos entre as nações» (Mt 28, 19) criando não só a vontade e a alegria de participar neste encontro, mas também de perceber de que forma podemos transmitir aos outros o dom mais precioso da nossa vida: Jesus Cristo.

Em primeiro lugar, o Papa Bento XVI começa por abordar os “problemas” com que os jovens hoje em dia se deparam ao não valorizar as suas próprias vidas como um dom de Deus e, com isto, não ver com clareza o seu próprio caminho. Em resposta a estes problemas, afirma que só Cristo nos pode salvar. «A luz da fé ilumina esta escuridão, fazendo-nos compreender que toda a existência tem um valor inestimável, porque é fruto do amor de Deus. Ele ama até quem se afastou ou esqueceu d’Ele: tem paciência e espera; mais que isso, deu o seu Filho, morto e ressuscitado, para nos libertar radicalmente do mal. E **Cristo enviou os seus discípulos** para levar a todos os povos este alegre anúncio de salvação e de vida nova.».

O Papa alerta-nos ainda sobre o período histórico que hoje atravessamos: «o progresso técnico deu-nos oportunidades inéditas de interação entre os homens e entre os povos, mas a globalização destas relações só será positiva e fará crescer o mundo em humanidade se estiver fundada não sobre o materialismo mas sobre o amor, a única realidade capaz de encher o coração de cada um e unir as pessoas.» E esta humanidade somos cada um de nós, ou seja, cada um de nós é também responsável, em certa medida, por “mudar” esta realidade. É através do amor de Deus e do testemunho da Sua presença na nossa vida que nos tornamos capazes de amar o nosso próximo, como Ele nos amou. Para reforçar este apelo forte de evangelização, diz-nos o Papa: «Qualquer pessoa que entenda essa necessidade, não poderá deixar de exclaimar com São Paulo: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho” (1 Cor 9, 16).»

O Papa Paulo VI, no final do Concílio Vaticano II, escreveu uma Mensagem aos jovens do mundo inteiro que começava com estas palavras: «É a vós, rapazes e raparigas do mundo inteiro, que o Concílio quer dirigir a sua última mensagem, pois sereis vós a recolher o facho das mãos dos vossos antepassados e a viver no mundo no momento

das mais gigantescas transformações da sua história, sois vós quem, recolhendo o melhor do exemplo e do ensinamento dos vossos pais e mestres, ides constituir a sociedade de amanhã: salvar-vos-eis ou perecereis com ela»

Ser discípulo de Cristo, anunciar o Evangelho, é bom por si só mas ganha ainda mais sentido quando isso nos faz aproximar d'Ele, pessoalmente. O Beato João Paulo II escrevia: **«É dando a fé que ela se fortalece»** (Encíclica *Redemptoris missio*, 2). Evangelizando, ganhamos a oportunidade de nos enraizarmos mais em Cristo e de crescermos como cristãos. Assim apercebemo-nos que «o compromisso missionário é uma dimensão essencial da fé: não se crê verdadeiramente, se não se evangeliza. E o anúncio do Evangelho não pode ser senão consequência da alegria de ter encontrado Cristo e ter descoberto n'Ele a rocha sobre a qual construir a própria existência.»

Diante desta vontade de testemunhar Cristo na nossa vida e na vida dos outros, pode-se concluir, da Mensagem do Papa, três factores que nos ajudam a ser melhores missionários:

- A **escuta da Palavra de Jesus**, o Seu convite a segui-Lo que é dirigido a cada um de nós. Trata-se, também, de tomar consciência que somos Seus Filhos muito amados. (cf. Lc 3, 21-22);

- «Guardar na memória os **dons recebidos de Deus**, para poder transmiti-los ao vosso redor.» Procurar saber quais os talentos que Deus me deu para que, desta forma, possam render ao serviço dos outros.

- Fazer da **história dos Santos e da Igreja**, que tem vindo a confirmar a fé em Jesus Cristo, a “minha” história. Sobre isto, diz-nos o Papa: «tomai consciência também do herança recebida das gerações que vos precederam: tantos cristãos nos transmitiram a fé com coragem, enfrentando obstáculos e incompreensões. Não o esqueçamos jamais! Fazemos parte de uma longa cadeia de homens e mulheres que nos transmitiram a verdade da fé e contam conosco para que outros a recebam. Ser missionário pressupõe o conhecimento deste património recebido que é a fé da Igreja: é necessário conhecer aquilo em que se crê, para podê-lo anunciar.»

Quando Jesus apareceu pela primeira vez aos Seus discípulos, depois de ressuscitar, disse-lhes: «Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda criatura! Quem crer e for batizado será salvo» (Mc 16,15-16). Este envio de Jesus aos discípulos também se dirige a cada um de nós. «Quando O encontro, quando descubro até que ponto sou amado por Deus e salvo por Ele, nasce em mim não apenas o desejo, mas a necessidade de fazê-lo conhecido pelos demais.»

É importante referir que **não somos enviados sozinhos nesta missão**. Pelos sacramentos do Batismo e da Confirmação, recebemos o Espírito Santo que nos guia e

«impulsiona a fazer o bem, servindo os outros com o dom de nós mesmos. (...) Assim, o Espírito de amor é a alma da missão: Ele nos impele a sair de nós mesmos para «ir» e evangelizar.»

Este amor de Cristo não se restringe a um determinado grupo de pessoas ou crentes. Pelo contrário! Porque o Seu amor é superabundante, Deus quer que sejamos todos salvos. «Com o sacrifício de amor na Cruz, Jesus abriu o caminho para que todo homem e toda mulher possa conhecer a Deus e entrar em comunhão de amor com Ele.» Ele quer que anunciemos o Evangelho a todos os lugares do mundo!

Perante isto, somos chamados a olhar à nossa volta e perceber de que forma podemos nos aproximar dos que estão mais “afastados” de Jesus. E assim, procurar entender as razões que levaram a essa “drescrença”. A este respeito diz-nos o Santo Padre: «alguns encontram-se geograficamente distantes, enquanto outros estão longe porque a sua cultura não dá espaço para Deus; alguns ainda não acolheram o Evangelho pessoalmente, enquanto outros, apesar de o terem recebido, vivem como se Deus não existisse. A todos abramos a porta do nosso coração; procuremos entrar em diálogo com simplicidade e respeito: este diálogo, se vivido com uma amizade verdadeira, dará seus frutos. Os «povos», aos quais somos enviados, não são apenas os outros Países do mundo, mas também os diversos âmbitos de vida: as famílias, os bairros, os ambientes de estudo ou de trabalho, os grupos de amigos e os locais de lazer.»

Destaca ainda, dois campos de ação, onde o nosso contributo é muito importante. O primeiro é a *internet* como meio privilegiado de evangelização. Sobre isto, apenas precisamos de saber como usar e de não «confundir o mundo real com o virtual, de substituir o encontro e o diálogo direto com as pessoas por contatos na rede». A segunda é a mobilidade, que está relacionada com a facilidade e frequência com que a maior parte dos jovens viaja, seja que por motivos for. Esta é também uma oportunidade para testemunharmos a nossa fé e alegria de sermos cristãos, juntos daqueles que não conhecemos tão bem, e fora da nossa “zona de conforto”.

Este convite que Jesus nos faz: «Ide e fazei discípulos entre as nações», não é fácil. Até mesmo quando há do outro lado o desejo de conhecer Cristo, é muito difícil envolver os jovens numa experiência de fé. Como resposta a este problema, Bento XVI refere que, nestes casos, o mais importante não são só as palavras que possamos dizer, mas a nossa atitude perante a vida e **o amor que pomos em tudo aquilo que fazemos**. É a «solicitude e a simplicidade do nosso testemunho (que) serão um canal através do qual Deus poderá tocar seu coração»

Muitas vezes, achamos que não somos capazes de evangelizar e pensamos que isso é para os outros. Ou por que não temos jeito para comunicar, ou porque temos vergonha, ou porque às vezes nem sabemos bem o que dizer. Sobre isto, diz-nos o Papa: «Quando vos

sentirdes inadequados, incapazes e frágeis para anunciar e testemunhar a fé, **não tenhais medo**. A evangelização não é uma iniciativa nossa nem depende primariamente dos nossos talentos, mas é uma resposta confiante e obediente à chamada de Deus, e portanto não se baseia sobre a nossa força, mas na d'Ele. Isso mesmo experimentou o apóstolo Paulo: «Trazemos esse tesouro em vasos de barro, para que todos reconheçam que este poder extraordinário vem de Deus e não de nós» (2 Cor 4,7).

A melhor forma de nos mantermos fiéis a este pedido de Jesus, é não deixar a **oração** e os **sacramentos**. «A evangelização autêntica nasce sempre da oração e é sustentada por esta: para poder falar de Deus, devemos primeiro falar com Deus». E é através dos sacramentos, sinais visíveis de Cristo, que nos encontramos verdadeiramente com Cristo. Destes sacramentos, destacam-se a Eucaristia, a Reconciliação, a Confirmação (para quem ainda não recebeu).

Por fim, «ninguém pode ser testemunha do Evangelho sozinho». Jesus enviou os Seus discípulos juntos, em comunidade. «Assim, é sempre como membros da comunidade cristã que prestamos o nosso testemunho, e a nossa missão torna-se fecunda pela comunhão que vivemos na Igreja: seremos reconhecidos como discípulos de Cristo pela unidade e o amor que tivermos uns com os outros»

Para terminar a mensagem, o Papa deixa-nos um convite: «o de escutar no íntimo de vós mesmos a chamada de Jesus para anunciar o seu Evangelho. Como mostra a grande estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, o seu coração está aberto para amar a todos sem distinção, e seus braços estendidos para alcançar a cada um. Sede vós o coração e os braços de Jesus. Ide testemunhar o seu amor, sede os novos missionários animados pelo seu amor e acolhimento.»

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. «O progresso técnico deu-nos oportunidades inéditas de interação entre os homens e entre os povos, mas a globalização destas relações só será positiva (...) se estiver fundada (...) sobre o amor.»

Na sociedade, que dificuldades encontro para poder testemunhar Cristo no meu dia-a-dia (na Escola/trabalho, amigos, família)? O que me impede de falar d'Ele aos outros?

2. «É dando a fé que ela se fortalece» diz-nos o Beato João Paulo II. A fé não sobrevive sem evangelizar, e a evangelização não vive sem a fé. Como encaro esta realidade na minha vida e na minha oração?

3. «Guardar na memória os dons recebidos de Deus, para poder transmiti-los ao vosso redor». Todos nós temos talentos que nos foram dados por Deus. Que talentos tenho para colocar ao serviço dos outros?

PONTOS DE ORAÇÃO

Mt 28, 16-20 | «**Ide e fazei discípulos entre as nações**»

• Jesus envia-nos a nós, todos os seus discípulos, numa missão apostólica para que O demos a conhecer. Considero-me um discípulo de Jesus? Onde é que isso se reflecte no meu dia-a-dia? Qual é o meu papel nesta grande missão em que Jesus me envia?

• Jesus não enviou os seus discípulos sozinhos, enviou-os dois a dois, em equipas. Também nós temos uma equipa de discípulos, que caminha junta em direcção ao Pai, nesta grande missão que é o caminho para a Santidade. Qual o papel da minha equipa neste mundo que se parece afastar da vida eterna a cada momento que passa?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Procurar ter uma conversa sobre Jesus com um amigo/familiar que não acredite.

ORAÇÃO FINAL

Ó Pai, enviaste o Teu Filho Eterno para salvar o mundo e escolheste homens e mulheres para que, por Ele, com Ele e n'Ele, proclamassem a Boa-Nova a todas as nações. Concede as graças necessárias para que brilhe no rosto de todos os jovens a alegria de serem, pela força do Espírito, os evangelizadores de que a Igreja precisa no Terceiro Milénio.

Ó Cristo, Redentor da humanidade, Tua imagem de braços abertos no alto do Corcovado acolhe todos os povos. Em Tua oferta pascal, nos conduziste pelo Espírito Santo ao encontro filial com o Pai. Os jovens, que se alimentam da Eucaristia, ouvem- Te na Palavra e encontram- Te no irmão, necessitam de Tua infinita misericórdia para percorrer os caminhos do mundo como discípulos-missionários da nova evangelização.

Ó Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, com o esplendor da Tua Verdade e com o fogo do Teu Amor, envia Tua Luz sobre todos os jovens para que, impulsionados pela Jornada Mundial da Juventude, levem aos quatro cantos do mundo a fé, a esperança e a caridade, tornando-se grandes construtores da cultura da vida e da paz e os protagonistas de um mundo novo.

Amén!

Oração oficial das Jornadas Mundiais da Juventude 2013

PONTO DE ESFORÇO _____

PRÓXIMA REUNIÃO _____

“ SOMOS CONVIDADOS A DEDICAR O TEMPO DE FÉRIAS A BUSCAR A DEUS E PEDIR QUE ELE LIBERTE A TODOS NÓS DA CARGA DESNECESSÁRIA. PEÇAMOS AO SENHOR UM CORAÇÃO INTELIGENTE E SÁBIO QUE O ENCONTRE. QUE O EXEMPLO DA VIRGEM MARIA NOS AJUDE! ”

PAPA BENTO XVI



BALANÇO

Tal como os anos anteriores, achamos importante que esta reunião antes das férias do verão seja dedicada ao balanço do último ano. É muito importante parar e olhar para o ano que passou, a fim de que a equipa possa evoluir nos próximos anos.

À semelhança das outras reuniões, nesta também é preciso preparar bem, avaliando com verdade todos os pontos propostos. E, no fim, não nos podemos esquecer daquilo que nos traz aqui todos os meses: conhecer e amar Jesus Cristo, que se torna presente na minha vida e nos outros à minha volta.

Avalio se as reuniões foram úteis vendo os frutos que dão na minha vida: se aumentaram o meu amor a Jesus e à Igreja; se eu participo mais no Movimento e dou algo em troca do que recebo. Se estimulam a dar testemunho de Jesus àqueles que estão à minha volta e me ajudam a dar uma resposta de fé às questões que me são postas na vida do dia-a-dia.

Vejamos então, como nos anos anteriores, os quatro pontos essenciais das reuniões.

Tema

Este ano o Caderno oferecia temas que aprofundavam a vida de Jesus e da sua relação com a nossa vida, exigindo assim mais oração e reflexão. Foi muito difícil 'entrar' em cada tema e achei que aquilo não tinha nada a ver comigo? Ou, pelo contrário, aprendi e procurei saber ainda mais sobre aquilo que me estava a ser proposto, dedicando assim mais estudo e tempo aos temas?.

Oração

Em cada tema havia sempre pontos de oração para o mês. Ajudou-me a aprofundar a minha relação com Jesus?

Rezámos sempre nas reuniões? Rezei pela Equipa durante o ano?

Aproveitei a Bíblia para fazer orações? Pedimos a intercessão de Nossa Senhora nas orações?

Partilha

Preparo a minha partilha? Limito-me a relatar o mês ou vou ao fundo da questão que me traz ali?

Como é que a encaro? Como uma parte importante para toda a Equipa ou apenas como a parte de saber as curiosidades de cada um? Levei a minha partilha a sério, ou ainda me custa partilhar com os outros, porque não me sinto à vontade? Todos partilharam e

ouviram os outros com interesse ou deixámos sempre a partilha para o fim e eram mais os que estavam a dormir do que os acordados?

Ponto de Esforço

Esforcei-me por definir pontos de esforço exigentes mas possíveis? Empenhei-me para os cumprir, ou esqueci-me? Partilhei sempre se cumpri ou não? O ponto de esforço serviu-me para aplicar os conhecimentos que ganhei ao debater algum dos temas, fazendo-me crescer como cristão, no amor a Deus e aos outros?

PROPOSTAS DE PONTO DE ESFORÇO

Sabendo que o período de Verão corresponde a quase dois meses sem estarem em equipa, propomo-vos estarem pelo menos uma vez todos juntos, para assim fortalecerem os laços de amizade existentes entre todos.

Rezar pelas Jornadas Mundiais da Juventude que estão a decorrer no Rio de Janeiro.

Cultivar uma leitura espiritual, ou seja, ler um livro que aprofunde alguns temas da fé, uma carta do Papa para os jovens, o evangelho do dia, etc.

ORAÇÃO FINAL

Faz-nos trilhar, Senhor, a estrada da Confiança.

Dá-nos um coração capaz de amar serenamente aquilo que somos ou que não somos, aquilo com que sonhámos ou as coisas que não escolhemos e que, contudo, fazem parte da nossa vida.

Ensina-nos a devolver a todos os Teus filhos e a todas as criaturas a extraordinária Bondade com que nos amas.

Não permitas que o nosso espírito se feche no medo ou no ressentimento: ensina-nos que é possível olhar a noite não para dizer que pesa em todo o lugar o escuro, mas que a qualquer momento uma Luz se levantará.

Dá-nos ousadia de criar e recriar continuamente mesmo partindo daquilo que não é ideal, nem perfeito.

E quando nos sentirmos mais frágeis ou sobrecarregados recebamos, com igual confiança, a nossa vida como um Dom e cada dia como um dia de Deus.

Pe. José Tolentino Mendonça

PONTO DE ESFORÇO _____

PRÓXIMA REUNIÃO _____

“

É URGENTEMENTE NECESSÁRIO QUE SURJA UMA NOVA GERAÇÃO DE APÓSTOLOS QUE ESTEJAM ENRAIZADOS NA PALAVRA DE CRISTO, EM CONDIÇÕES DE DAR UMA RESPOSTA AOS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO E PREPARADOS PARA ANUNCIAR O EVANGELHO EM TODA A PARTE.

”

PAPA BENTO XVI, MENSAGEM PARA A XXI JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE, FEVEREIRO DE 2006



NOVA EVANGELIZAÇÃO PARA A TRANSMISSÃO DA FÉ CRISTÃ

O título do tema que te propormos para este mês foi precisamente a base da reflexão do **Sínodo que reuniu Bispos de todo o mundo** no Vaticano, de 1 a 28 de outubro de 2012.

Convocados pelo Papa, partilharam as suas experiências e refletiram em conjunto sobre algo essencial na vida da Igreja: como anunciar Jesus Cristo ao mundo atual.

O tema da Nova Evangelização já tem vindo a ser falado ao longo destes últimos anos, mas o Papa quis reunir com os Bispos agora no contexto do Ano da Fé, que ele próprio convocou para toda a Igreja, entre 11 de outubro de 2012 e 24 de novembro de 2013.

Vejamos, resumidamente, as principais conclusões deste Sínodo (As citações são tiradas da Mensagem Final do Sínodo) e como nos poderão ajudar também a nós na Nova Evangelização a que somos chamados a tomar parte!

Em primeiro lugar os Bispos começaram por refletir no significado de Nova Evangelização.: “Levar os homens e mulheres do nosso tempo a Jesus, ao seu encontro, é uma necessidade que afeta todas as regiões do mundo, os da antiga e os da recente evangelização. Em todos os lugares realmente sentimos a necessidade de **reavivar uma fé** que corre o risco de desaparecer em contextos culturais que impedem o seu enraizamento nas pessoas, a sua presença na sociedade, a clareza do seu conteúdo e da coerência dos seus frutos. Não é uma questão de começar de novo, mas de entrar no longo caminho do anúncio do Evangelho, com a coragem apostólica de Paulo, que afirma: «Ai de mim se não anunciar o Evangelho!» (1Cor 9,16)”.

De facto, todos nos apercebemos que o mundo está diferente do que era há umas dezenas de anos atrás: “O cenário social, cultural, económico, civil e religioso mudou e isso leva-nos a algo novo: viver a nossa experiência comunitária de fé de uma forma renovada e anunciá-la através de uma evangelização que é «nova no seu ardor, nos seus métodos, nas suas expressões» (João Paulo II, Discurso à Assembleia do CELAM XIX, Port-au-Prince, 9 de março de 1983, n. 3). Bento XVI recordou que se trata de uma evangelização que se dirige «principalmente para aqueles que, embora batizados, se afastaram da Igreja e vivem sem referência à vida cristã» (Homilia para a celebração eucarística para a inauguração solene da Assembleia XIII Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, Roma, 7 de outubro de 2012)”.

Como disse o Papa, é importante perceber que não queremos anunciar um conteúdo diferente, mas falar de Jesus de uma **maneira renovada**, apresentá-’O de modo a que os homens de hoje O reconheçam e O amem (nº 2).

«Alguém vai perguntar como fazer tudo isso. Não precisamos de inventar novas estratégias, como se o Evangelho fosse um produto a ser colocado no mercado das religiões. Precisamos de redescobrir as formas como Jesus se aproximou das pessoas e as chamou, a fim de colocar em prática essas abordagens nas circunstâncias atuais» (nº 4). E para isso é necessário voltar a ler as Sagradas Escrituras, iluminadas pela Tradição da Igreja.

A nova evangelização, de certo modo, depende de nós, diz-nos respeito, temos essa responsabilidade aos nossos ombros. Sabemos que somos pecadores e fracos, contudo «Estamos (...) também convencidos de que o Espírito do Senhor é capaz de renovar a sua Igreja e torná-la resplandecente, se O deixarmos moldar-nos. Isto é demonstrado pelas vidas dos Santos, cuja memória e relato das suas vidas são um meio privilegiado da nova evangelização. Se esta renovação dependesse de nós, haveria sérias razões para duvidar. Mas na Igreja a conversão e a evangelização não ocorrem principalmente por causa de nós, pobres mortais, mas sim através do Espírito do Senhor. (...) A tarefa da nova evangelização repousa sobre esta certeza serena. Confiamos na inspiração e na força do Espírito, que nos ensinará o que devemos dizer e fazer, mesmo nos momentos mais difíceis. É nosso dever, portanto, vencer o medo através da fé, o desânimo através da esperança, a indiferença através do amor» (nº 5).

O que nos move, como sempre foi, é o amor de Deus. E apesar de o contexto atual nos parecer negativo, não podemos desanimar nem afastar-nos da realidade! “O nosso mundo está cheio de contradições e desafios, mas continua a ser a criação de Deus. O mundo está ferido pelo mal, mas Deus ama-o. (...) Não pode haver lugar para pessimismo nas mentes e nos corações daqueles que sabem que o seu Senhor venceu a morte e que o seu Espírito trabalha com força na História” (nº 6).

Portanto, neste combate é importante encontrar e privilegiar lugares, como a família e as comunidades paroquiais, **para se dar a conhecer Jesus e fortalecer a fé dos crentes**. “Desde a primeira evangelização, a transmissão da fé de uma geração para a seguinte encontraram um lar natural na família. (...) Todos os Bispos do Sínodo confirmaram este papel essencial da família na transmissão da fé. A nova evangelização é impensável sem se reconhecer a responsabilidade específica de anunciar o Evangelho às famílias e ajudá-las na sua tarefa de educação” (nº 7). Por isso entendem os Bispos de todo o mundo que é urgente apoiar a verdadeira família, constituída pelo casamento entre um homem e uma mulher, principalmente nestes tempos em que é tão atacada.

Do mesmo modo é importante fomentar nas paróquias a **participação ativa dos leigos**, em comunhão com os padres que os conduzem, orientam e assistem. «Na paróquia, o ministério do sacerdote – pai e pastor de seu povo – continua a ser crucial. (...)

Em relação aos leigos, uma palavra especial vai para as várias formas de associações, antigas e novas, em conjunto com os movimentos eclesiais e as novas comunidades: todos são uma expressão da riqueza dos dons que o Espírito concede à Igreja» (nº 8).

Para nós, que somos jovens, os Bispos também têm uma palavra, porque sabem que **Cristo se quer encontrar connosco** e, através de nós, com tantos outros que ainda não O conhecem verdadeiramente. «Os jovens são particularmente queridos para nós, porque eles, que são uma parte significativa da humanidade e da Igreja de hoje, são também o seu futuro. Em relação aos jovens, os bispos estão longe de ser pessimistas. Preocupados sim, mas não pessimistas. Estamos preocupados porque os ataques mais agressivos do nosso tempo acontecem precisamente sobre eles. Não estamos, no entanto, pessimistas, porque o que move as profundezas da História é o amor de Cristo, mas também porque sentimos nos jovens aspirações profundas de autenticidade, de verdade, de liberdade, de generosidade e porque estamos convencidos de que a resposta adequada é Cristo. Queremos apoiá-los na sua busca e encorajamos as nossas comunidades para ouvir, dialogar e responder com audácia e sem reservas perante a difícil situação da juventude. (...) O mundo dos jovens é um campo exigente, mas também particularmente promissor da Nova Evangelização, como o têm demonstrado muitas experiências: as que atraem muitos deles como as Jornadas Mundiais da Juventude, e também as experiências mais escondidas – mas no entanto poderosas – como as diferentes experiências de serviço, espiritualidade e missão» (nº 9).

Quase no final da Mensagem, os Bispos assinalam dois campos onde devemos testemunhar a nossa fé com especial destaque. “O primeiro é constituído pelo dom e **experiência de contemplação**. Para que o mundo considere credível o nosso testemunho, este só pode surgir a partir de um olhar de adoração diante do mistério de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo; somente partindo do silêncio profundo que recebe a única Palavra que salva, como um útero. (...) O outro sinal de autenticidade da nova evangelização **tem o rosto dos pobres**. Colocando-nos lado a lado com aqueles que estão feridos pela vida não é apenas um exercício social, mas acima de tudo um ato espiritual, porque é o rosto de Cristo que resplandece no rosto dos pobres: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40) (nº 12).

No final da Mensagem, os Bispos dirigiram também uma palavra específica aos cristãos de cada continente. Para nós que vivemos o cristianismo na Europa, é importante ler com atenção e conhecer bem a realidade que nos rodeia, para podermos depois atuar melhor, sem sermos surpreendidos com o ambiente tantas vezes hostil com que nos deparamos.

«Os Bispos dirigem uma palavra de gratidão e de esperança para as Igrejas da

Europa, em parte marcada hoje por uma forte – às vezes até agressiva – secularização e em parte ainda ferida por muitas décadas de regimes com ideologias hostis a Deus e à humanidade. Olhamos com gratidão para o passado, mas também para o presente, onde o Evangelho criou **expressões e experiências particulares de fé** – muitas vezes ricas de santidade – que têm sido decisivas para a evangelização de todo o mundo: o pensamento teológico rico, várias expressões carismáticas, várias formas de serviço de caridade para os pobres, profundas experiências contemplativas, a criação de uma cultura humanista que tem contribuído para a definição da dignidade da pessoa e construir o bem comum. Amados cristãos da Europa, que as atuais dificuldades não vos desanimem: considerem-nas antes como um desafio a ser superado e uma ocasião para um anúncio mais alegre e vivo de Cristo e do seu Evangelho de vida» (nº 13).

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. O que é afinal a Nova Evangelização? Já estive em alguma ação ou evento organizado nesse sentido? O que penso em relação a ações de rua, missões, Jornadas Mundiais da Juventude ou outras iniciativas de evangelização que sejam inovadoras?

2. Acho que a Igreja consegue transmitir os seus conteúdos de forma atraente hoje em dia? Ou a mensagem ainda parece muito distante?

3. Conheço o que a Igreja tem dito e pensado sobre o assunto, tenho o Youcat, procuro nos meios de comunicação (Facebook, Twitter, etc) publicações relacionadas e promovidas pela Igreja?

PONTOS DE ORAÇÃO

«Quem procura a verdade procura Deus, seja isso evidente ou não para ela». (Santa Edith Stein)

- Muitas vezes procuramos qualquer coisa que dê sentido à nossa vida, mesmo qualquer coisa, o que nos pode levar por caminhos errados e sombrios. Mas quando procuramos a verdade, a verdade pura e absoluta, não procuramos nem mais nem menos do que Deus. Mas para O podermos levar aos outros, temos de O procurar e encontrar primeiro. Tenho um desejo profundo de me encontrar com Jesus? De O conhecer e de me dar a conhecer? Percebo que sou realmente mais feliz quando estou na Sua presença?

“Cristo não tem mãos, só as nossas mãos para realizar a sua obra”.

(Reflexão do século XIV)

- Nós somos os Apóstolos do novo mundo e cabe-nos a nós a tarefa de evangelizar e de ser o instrumento de Cristo a abrir os corações de todos os que nos rodeiam. Muitas vezes bastam pequenos momentos para se experienciar grandes conversões. Eu quero ser

instrumento de Cristo nesta missão apostólica a que Ele me envia? Em que momentos da minha vida é que o meu coração se converteu, tocado pelo amor de Jesus?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Jesus envia-nos numa missão quase impossível, aos nossos olhos. Envia-nos “como cordeiros para o meio de lobos” (Lc 10, 3) não só para o darmos a conhecer, mas para o protegermos. Durante o mês convidamos-te a estar especialmente atento a situações em que Jesus precisa de ser defendido e não ter medo de o defender.

Para os mais exigentes, uma ótima maneira de descobrir como ser um enviado de Jesus é lendo o Livro dos Actos dos Apóstolos, que descreve a vida dos primeiros apóstolos após a Ascensão de Jesus.

PARA APROFUNDAR

YouCat 479.

Mensagem ao Povo de Deus na conclusão da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (26 de outubro de 2012) (em espanhol no site do Vaticano www.vatican.va ou diretamente em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20121026_message-synod_sp.html)

Homília do Papa Bento XVI na Santa Missa para a conclusão do Sínodo dos Bispos (28/Out/12) (Procurar no site do Vaticano www.vatican.va; Google ou então diretamente em http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121028_conclusion-sinodo_po.html)

ORAÇÃO FINAL | Que eu faça a Tua amorosa vontade [São Francisco de Sales]

Senhor Jesus,	entrego o meu espírito,
em oração uma vez Vos pedi	o meu coração, a minha memória,
e pedirei sempre	o meu entendimento
que eu faça a Vossa amorosa vontade	e toda a minha vontade.
todos os dias da minha miserável	Concedei, porém, que
e frágil vida.	com tudo vos sirva,
Nas vossas mãos,	vos ame, Vos agrade
bom Deus,	e sempre Vos louve.
	Ámen.

PONTO DE ESFORÇO _____

PRÓXIMA REUNIÃO _____

“

DEPOIS DE TER DESCOBERTO QUE EXISTE UM DEUS,
TORNOU-SE ME IMPOSSÍVEL NÃO VIVER SÓ PARA ELE.

”

BEATO CHARLES DE FOUCAULD



AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS

Começamos, neste mês, a olhar para tema dos Dez Mandamentos. Sabemos que Jesus não veio anular os mandamentos, mas dar-lhes uma nova luz a partir da novidade do Mandamento do Amor, resumindo-os a estes dois, profundamente ligados: **Amar a Deus sobre todas as coisas** (onde podemos “arrumar” os três primeiros mandamentos) e **ao próximo como a si mesmo** (os sete restantes mandamentos). Neste tema daremos destaque ao primeiro.

Os mandamentos são a base daquilo que somos e fazemos, o eixo da nossa existência e o pôr em prática da fé que professamos com a boca. Opõe-se a isto o facto de nos dias de hoje se viver uma certa aversão às regras e normas exteriores. Esta tendência, em que cada um define a sua própria moral subjetiva, e constrói a sua vida com base nos apetites e gostos, na busca de ser “único” e “livre”, ganha cada vez mais espaço no coração dos homens (incluindo os cristãos). Ao mesmo tempo, vemos como esta atitude anárquica do homem apenas proporciona – e de facto tem proporcionado – grandes atentados à sua própria dignidade. É óbvio que se tudo vale, se são os instintos que ditam a nossa ação, cai por terra a distinção entre o bem e o mal, criando um sistema onde uma norma universal não tem lugar.

É neste panorama atual que os mandamentos estão inseridos, pois é no hoje da História que somos chamados a vivê-los. Mas não tenhamos medo de colocar as questões difíceis: Não estarão os Mandamentos ultrapassados? Ainda se justificam nos dias de hoje? Não estarão destinados a serem colocados bem no fundo da nossa memória como referência meramente teórica e sem lugar na vida real? Com certeza, haveria outras tantas perguntas e, por isso mesmo, (este) tema ganha relevo.

O ano da fé que nos é dado a viver leva-nos a perceber que só consegue entender os mandamentos quem tem um olhar de fé, e que, por sua vez, a mesma se torna firme quando é concretizada a prática dos mandamentos.

Como ponto de partida, olhemos para esta passagem do Evangelho de S. Mateus:

«Um jovem aproximou-se de Jesus e lhe perguntou: ‘Mestre, que devo fazer de bom para ter a vida eterna?’ Disse-lhe Jesus: ‘Por que me perguntas a respeito do que se deve fazer de bom? Só Deus é bom. Se queres entrar na vida, observa os mandamentos.’” (Mt 19,16-17).

Na verdade, existe no interior de cada homem esta mesma pergunta que o jovem rico faz a Jesus: «que devo fazer de bom?», que é o mesmo que dizer «que devo fazer para ser feliz?». Todos procuramos essa resposta, porque simplesmente todos ansiamos ser felizes, e de uma maneira ou de outra andamos todos atrás de alguém que nos diga quais as regras e as normas de uma vida plena.

É no encontro profundo com Deus que identificamos esse alguém, sendo que os

mandamentos não são um capricho Seu para fazer mostrar a Sua superioridade, mas antes uma oferta de amor que responde à nossa necessidade de rumo e que, na verdade, já está inscrito na nossa natureza. Tenhamos claro que não existe ninguém tão empenhado na nossa felicidade como o próprio Deus, nem sequer nós próprios.

Numa perspetiva cristã, é um erro tremendo olhar para os mandamentos de uma forma legalista. Eles não são um conjunto de leis a que precisamos obedecer para que Deus nos dê o paraíso. Muitos colocam a questão: “então pode o amor ser mandado?” A isto responde-nos o Papa Bento XVI:

«Deus amou-nos primeiro, e continua a ser o primeiro a amar-nos; por isso, também nós podemos responder com o amor. Deus não nos ordena ter um sentimento que não possamos suscitar em nós próprios. Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o seu amor, e desta “antecipação” de Deus também pode, como resposta, despontar em nós o amor. [...] a vontade de Deus deixa de ser para mim uma vontade estranha que me impõem de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade, baseada na experiência de que realmente Deus é mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio. Cresce então o abandono em Deus, e Deus torna-Se a nossa alegria.» (Encíclica Deus Caritas Est, 17)

Esta relação de amor com Deus, a Aliança, sustenta verdadeiramente cada homem, que nela descobre o sentido da sua existência. Podemos argumentar, naturalmente, que estas coisas são sempre fáceis na teoria, mas a verdade é que Deus é alguém **real** a quem podemos amar. A vida de Jesus é um constante amor ao Pai, concretamente na oração, e é isso que o sustenta na Paixão. A propósito disto lamentava-se São Francisco de Assis, que dizia «O Amor não é amado». Mas fica a pergunta, como é suposto que O amemos se não O vemos? Mais uma vez, vejamos a resposta de Bento XVI:

«Com efeito, ninguém jamais viu a Deus, tal como Ele é em si mesmo. E, contudo, Deus não nos é totalmente invisível, não se deixou ficar, pura e simplesmente, inacessível a nós. Deus amou-nos primeiro – diz a Carta de João (1 Jo 4,10) – e este amor de Deus apareceu no meio de nós, fez-se visível quando Ele ‘enviou o seu Filho unigénito ao mundo, para que, por Ele vivamos’ (cf. Jo 4,9). Deus fez-se visível: em Jesus, podemos ver o Pai (cf. Jo 14,9).» (Encíclica Deus Caritas Est, 17)

Ser cristão é ter uma relação viva com Jesus e segui-Lo até onde Ele quiser. A forma de concretizar esse amor a Jesus, e por isso a Deus, a Igreja apresenta-a nos três primeiros mandamentos. Eles são retirados do livro do Êxodo (Ex 20, 1-17) e do Deuterónimo (Dt 5, 6-22) após a libertação de Israel da escravidão do Egípto:

1º Adorar a Deus e amá-Lo sobre todas as coisas

Deus recorda ao Seu Povo que foi Ele quem o libertou do Egípto, e que este deve adorá-Lo, reconhecendo-O como único Deus. À primeira vista, podemos ser levados a

pensar que Deus é alguém que requer todas as atenções para Si, numa atitude de soberba, onde nós seríamos uns desgraçados, destinados a prestar vassalagem a esse Senhor tirano. É totalmente ao contrário; Deus tem sempre um olhar de amor a cada ser humano e sabe que sem Ele nunca será capaz de alcançar o que o seu íntimo mais deseja.

O Beato João Paulo II dizia que adorar a Deus «salva o ser humano da força destruidora do egoísmo, do ódio e da mentira. Evidencia todos os falsos deuses que o arrastam para a escravidão: o amor de si mesmo até à exclusão de Deus, a avidez do poder e do prazer que tudo subverte a ordem da justiça e degrada a nossa dignidade humana e do nosso próximo». Adorar é a expressão máxima do amor e implica uma exclusividade, mas hoje em dia, “adora-se” tudo, até a mousse de chocolate. O problema é que se não direcionamos para Deus toda a nossa vida, então significa que estamos a investir noutros deuses, não existe um terreno neutro.

O cristão é chamado a reconhecer na sua vida concreta a presença constante de Deus que, quando ganha espaço no coração de cada um, o liberta de quaisquer prisões ou angústias. Não tenhamos medo do abandono em Deus, pois como nos diz o Papa Bento XVI, «onde Deus é grande, o ser humano não é pequeno, mas torna-se também grande e o mundo amanhece».

2º Não invocar o santo nome de Deus em vão

Diz-nos o Youcat que «dizer a alguém o seu nome é um sinal de confiança. Se Deus nos disse o Seu nome, é porque Ele se dá a conhecer e porque nos permite o acesso a Ele mediante esse mesmo nome” (Youcat, 359). Muitas vezes olhamos para este mandamento de forma superficial, mas ele tem mais que se lhe diga. Com efeito, o nome dá-nos uma identidade, e a história de Deus como o homem é um progressivo revelar do Seu nome, ou seja, da Sua identidade. Jesus é o expoente máximo dessa revelação. Então, o problema está quando criamos falsas identidades de Deus. Não é difícil vermos isso a acontecer; por exemplo, quantas vezes não se utilizou o nome de Deus como justificação de guerras, ou então, quantas pessoas não ganham dinheiro à custa de negócios à volta de Deus? Mas olhemos para nós mesmos, será que o nosso testemunho do dia-a-dia revela ao mundo a verdadeira identidade de Deus? Na verdade, muitas pessoas são incapazes de dar o passo da fé por não identificarem nos cristãos um Deus em quem valha a pena acreditar.

O facto de iniciarmos todas as orações dizendo “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, também significa que é “apenas” isso que conhecemos de Deus, que Ele é uma comunidade de amor.

É muito misterioso ver que à medida que **vamos conhecendo mais de Deus também nos vamos descobrindo a nós próprios**, ou seja, o nosso próprio nome. Apenas é capaz disso quem é corajoso, e está disposto a embrenhar-se num caminho de discernimento vocacional.

3º Santificar os Domingos e festas de guarda

Para o povo judeu, o dia santo era, na verdade, o sábado. O povo Judeu fazia memória do 7º dia da criação, em que Deus descansou, e lembrava a sua libertação do Egito. Era, portanto, o dia reservado ao louvor de Deus. Com os cristãos, muda-se esse dia para o Domingo pois foi a um Domingo que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. Diz-se que o 8º dia, o dia da Ressurreição é o dia da nova criação, não mais condenada à morte, mas livre para se viver em plena comunhão com Deus.

Os cristãos reúnem-se a cada domingo e nos dias de festa, fazendo uma paragem da rotina semanal para se centrarem no essencial. Os dias de festa são, por exemplo, o Natal, inseridos num ciclo litúrgico, pensado pela Igreja, possibilitando aos cristãos reviverem os passos de Jesus: nascimento, pregação, morte e ressurreição.

A melhor maneira de fazer do domingo o “dia do Senhor” é a participação na Eucaristia. Vemos que o início da Igreja é marcado essencialmente por este reunir em comunidade (muitas vezes nas casas uns dos outros) para escutarem a Palavra de Deus e participarem na “fracção do Pão”. Não é válido faltar-se à Missa tendo na base argumentos como “hoje não me apetece”, ou então, “hoje, da maneira que estou, também não ia rezar nada”. Qual é a relação de amor que sobrevive assim? **Sem fidelidade não há relação** possível. Pensemos que em cada Domingo Jesus tem encontro marcado connosco, e aí se dá em alimento. Tal como o corpo não aguenta sem comer, o espírito também não subsiste sem comungar Nosso Senhor.

O Domingo deve também ser direcionado para a família, ela que é espaço privilegiado de encontro com Jesus e uns com outros.

Por fim, recordemos os santos que a Igreja nos apresenta como modelos de vida. Quem já leu alguma biografia de um santo percebe rapidamente que para eles amar a Deus tinha pouco de teoria e de monótono. Mas se foi assim com eles, também pode ser assim connosco, porque Deus é o mesmo. Não tenhamos medo de construir uma vida grande como a dos santos, até porque é isso que o nosso coração mais deseja. Eles fizeram das suas vidas uma entrega total aos homens, ensinando-nos que o amor a Deus não se fecha em si mesmo mas lança-nos sempre no amor ao próximo.

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. De que maneira olho para os Mandamentos? Fazem parte da minha vida como verdadeiros guias para a felicidade? Ou vejo neles proibições desatualizadas?
2. Já me senti alguma vez amado por Deus? Se sim, que momentos foram esses, e que resposta implicou de mim? Se não, que obstáculos tenho encontrado na minha procura de Deus?
3. Que dimensões da minha vida ainda não são reflexo do meu amor a Deus? Quais são os outros deuses que tentam ocupar o centro da minha vida? Poder, fama, imagem, etc.?

4. Como tenho procurado diferenciar o Domingo dos outros dias da semana? Tem sido um dia centrado no encontro com Jesus?

PONTOS DE ORAÇÃO

1. Rezar/Meditar cada um dos mandamentos, e a partir deles fazer um sério exame de consciência. Tentar, a partir da oração, cruzar os mandamentos com a minha vida diária descobrindo passos a tomar e mudanças a fazer.

2. Leitura espiritual da biografia de algum santo, procurando descobrir na sua vida traços do amor a Deus, e encontrando aí uma motivação para também eu ser santo.

3. Fazer do salmo 119, 9-16, oração diária.

PROPOSTA PARA O PONTO DE ESFORÇO

1. Definir um dia da semana para, ao longo deste mês, participar na Missa. Tentar reconhecer, a partir desta experiência, a graça que é centrar o meu dia no essencial, e descobrir que o encontro com Deus não está condicionado a um dia ou a uma hora.

PARA APROFUNDAR

YouCat: 349, 352, 359, 362

Catecismo da Igreja Católica: 2052, 2083, 2142, 2168

ORAÇÃO FINAL

Eu Vos amo, meu Deus,

e o meu único desejo é amar-Vos até ao último suspiro da minha vida.

Eu Vos amo, Deus infinitamente bom,

e prefiro morrer amando-Vos que viver um só instante sem Vos amar.

Eu Vos amo, meu Deus,

e só desejo o Céu para ter a felicidade de Vos amar perfeitamente.

Eu Vos amo, meu Deus,

e só temo o inferno porque aí nunca haverá a doce consolação de Vos amar.

Meu Deus, se a minha língua não puder estar sempre a dizer que Vos amo, que o meu coração o diga tantas vezes como quantas eu respiro.

Senhor, dai-me a graça de sofrer amando-Vos, de Vos amar sofrendo,

e de um dia expirar amando-Vos e sentindo que Vos amo.

E quanto mais me aproximo do meu fim,

mais Vos imploro a graça de aumentar e aperfeiçoar o meu amor.

Amen.

São João Maria Vianney

PONTO DE ESFORÇO _____

PRÓXIMA REUNIÃO _____

“

O AMOR É A ALEGRIA PELO
BEM; O BEM É O ÚNICO
FUNDAMENTO DO AMOR.
AMAR SIGNIFICA QUERER
FAZER BEM A ALGUÉM.

”

SÃO TOMÁS DE AQUINO



“AMA O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO” GÁLATAS 5, 14

Para começar, pode ser interessante centrarmo-nos na questão da Aliança. À primeira vista, pode parecer fora de contexto, mas a verdade é que a Aliança que Deus quis fazer com os homens pede da nossa parte uma resposta de amor, amor a Deus e amor ao próximo, que se concretiza no cumprir dos mandamentos.

No Antigo Testamento, enquanto os chamados contratos estabeleciam trocas de propriedade, as alianças implicavam o intercâmbio de pessoas, a ponto de formarem laços sagrados de família, mais fortes até que os laços de sangue. À luz desta realidade, percebemos que nas Alianças do Antigo Testamento, Deus adota Israel como Sua própria família, do mesmo modo que no Novo Testamento, «a Nova Aliança estabelece uma nova família que abarca toda a humanidade, com a qual Cristo partilhou a Sua própria filiação divina, fazendo-nos filhos de Deus», explica-nos Scott Hahn, teólogo católico convertido do protestantismo, no seu livro *Todos os Caminhos* vão dar a Roma.

É, de facto, a partir da Aliança que os mandamentos e, de algum modo, toda a moral, encontram o seu pleno significado. «Os mandamentos propriamente ditos vêm em segundo lugar e traduzem as implicações da pertença a Deus, instituída pela Aliança. A existência moral é resposta à iniciativa amorosa do Senhor.» (Catecismo da Igreja Católica, 2062).

De alguma forma, o que acabamos de dizer pode ajudar a esclarecer uma dúvida comum: será possível amar a Deus, mesmo sem O vermos? Na Encíclica *Deus Caritas Est*, o Papa Bento XVI responde precisamente a esta questão. Ele diz que o amor a Deus não é de modo nenhum impossível, mas explicitamente requerido (sobre este assunto falámos já no tema do mês passado), o Papa propõe que tenhamos presente o que afirma São João na sua primeira carta: «Se alguém disser: ‘Eu amo a Deus’, mas odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê?». O sumo pontífice acrescenta que esta passagem «destaca o nexo indivisível entre o amor a Deus e o amor ao próximo: um exige tão estreitamente o outro que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira, se o homem se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar. O citado versículo joanino deve, antes, ser interpretado no sentido de que o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus e que o fechar os olhos diante do próximo nos torna cegos também diante de Deus» (*Deus Caritas Est*, 16).

Com efeito, um dos *lugares* essenciais e indispensáveis onde acontece o amor a Deus é no próximo. No Evangelho de João, Jesus dá-nos a medida do amor ao próximo: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Não há maior prova de amor do que dar a vida pelos amigos» (Jo 15, 12-13). De facto, quem ama

verdadeiramente o próximo, ama ao ponto de dar a vida por Ele, tal como Jesus deu a vida pela sua Igreja, por cada um de nós. É nesta lógica de amor que devem ser entendidos cada um dos mandamentos em que se desdobra o amor ao próximo: são eles:

Honrar pai e mãe e os outros legítimos superiores (4º mandamento)

Os mandamentos são algo natural em nós. Não é estranho pensarmos que depois de Deus, nos cabe honrar os nossos pais, a quem devemos a vida e que nos transmitiram o conhecimento de Deus. No entanto, também «temos obrigação de honrar e respeitar todos aqueles que Deus, para nosso bem, revestiu da sua autoridade» (Catecismo, 2197) e, nestes, incluem-se todos aqueles que exercem alguma autoridade sobre uma ou mais pessoas, como avós, tutores, professores, chefes, magistrados e governantes.

Não matar nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo (5º mandamento)

O 5º mandamento ensina-nos que a vida humana é sagrada porque testemunha a ação criadora de Deus. Ele é o único Senhor da vida e, por isso, «ninguém, em circunstância alguma, pode reivindicar o direito de dar a morte diretamente a um ser humano inocente» (Catecismo, 2258). É neste contexto que se entende a doutrina da Igreja relativamente aos temas do aborto e da eutanásia, por exemplo. No entanto, este mandamento não se limita à questão da morte física ou biológica; ele implica também não *matar* a dignidade, não *matar* o respeito que cada pessoa merece, não *matar* a vontade própria e a liberdade de cada um. Por outro lado, não *matar* significa também não me deixar morrer, ou não causar danos no meu corpo. Assim, não beber álcool a mais, não usar drogas (incluindo, obviamente, as leves), cuidar da saúde, são atitudes que expressam a resposta dos homens ao amor de Deus.

Guardar castidade nas palavras e nas obras (6º mandamento) **e nos pensamentos e nos desejos** (9º mandamento)

Segundo o Catecismo, a castidade significa a integração da sexualidade na pessoa, o que conduz à unidade interior do homem, no seu ser corporal e espiritual. A sexualidade vivida como dom total do homem e da mulher um ao outro ganha um sentido mais elevado, que dignifica o ser humano, porque entre todas as criaturas só ele é capaz de se fazer dom. Assim vivida, a sexualidade é um milagre de Deus, em que Ele pode gerar uma vida nova. É fácil de perceber, portanto, que quando os nossos comportamentos se afastam de uma vivência integrada da sexualidade eles são uma ofensa à castidade. Aqui se incluem comportamentos como a masturbação, o sexo fora do casamento ou o ver pornografia.

Jesus chama bem-aventurados aos puros de coração (cf. Mt 5, 8) e o Catecismo

ensina-nos que são puros de coração aqueles que, com a inteligência e com a vontade, decidem, com a ajuda de Deus, viver a castidade. A Igreja, na sua tradição, sempre recomendou que fizéssemos da pureza de coração um verdadeiro combate de fé, por meio da pureza das intenções, da pureza do olhar e pela oração (cf. Catecismo, 2518 e 2520).

Não roubar nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo (7º mandamento) **e não cobiçar as coisas alheias** (10º mandamento)

O YouCat explica que «o sétimo mandamento não proíbe apenas retirar algo a outra pessoa. Ele exige também uma justa administração e divisão dos bens da terra, isto é, a regulação da propriedade privada e da distribuição dos rendimentos do trabalho humano» (YouCat, 426). E se isto é evidente em relação aos bens materiais, o mesmo nem sempre acontece quando se fala em bens imateriais. A verdade é que «a apropriação ilícita de um bem imaterial começa em copiar por alguém na escola, continua com o *download* ilegal de conteúdos da Internet, diz respeito às fotocópias ilegais e aos mais diversos tipos de cópias-pirata» (YouCat, 429). A Igreja tem lembrado desde sempre que a cobiça e as inclinações para o roubo se combatem com a procura incessante de um espírito de pobreza. «O dinheiro possui mais a pessoa, que a pessoa a ele». (São Cipriano de Cartago).

Não levantar falsos testemunhos nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo (8º mandamento)

O oitavo mandamento ensina que o amor a Deus e ao próximo não se vive com a mentira. Ela é a semente da divisão e mina a confiança, destruindo qualquer possibilidade de comunhão entre os homens. A verdade, contrariamente, é testemunho da fidelidade a Deus. «Isto até pode significar que um cristão dê a sua vida pela fidelidade à verdade e por amor a Deus e aos outros. Chama-se martírio a esta valente forma de compromisso com a verdade» (YouCat, 454). Este mandamento torna também claro que não é próprio de um cristão a maledicência, mesmo se aquilo que se diz é verdade. A transmissão da verdade deve assentar no amor e, por isso, exige discrição. «O direito à comunicação da verdade não é absoluto» (Catecismo, 2488).

Por fim, não nos podemos esquecer que os mandamentos não são um fim em si mesmo. Deus quis que os homens formassem uma só família e se tratassem uns aos outros como irmãos. O Concílio Vaticano II esclarece que quando Jesus pede ao Pai «que todos sejam um, como nós somos um» (Jo 17, 21-22), sugere que há uma certa analogia entre a união dentro da Trindade e a união dos filhos de Deus. Esta semelhança torna manifesto que o homem não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo (cf. Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, 24).

Reconhecemos, assim, a partir desta noção, a chamada *índole comunitária da*

vocação humana, que nos diz que o homem não foi criado por Deus para se fechar em si mesmo, mas para o amor de Deus e do próximo: «pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros. Toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: Ama o teu próximo como a ti mesmo» (Gl 5, 14). O Papa explica esta interação entre amor de Deus e amor do próximo de uma forma muito clara:

«Se na minha vida falta totalmente o contacto com Deus, posso ver no outro sempre e apenas o outro e não consigo reconhecer nele a imagem divina. Mas, se na minha vida negligencio completamente a atenção ao outro, importando-me apenas com ser ‘piedoso’ e cumprir os meus ‘deveres religiosos’, então definha também a relação com Deus. Neste caso, trata-se duma relação ‘correta’, mas sem amor. Só a minha disponibilidade para ir ao encontro do próximo e demonstrar-lhe amor é que me torna sensível também diante de Deus. Só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama. Os Santos – pensemos, por exemplo, na Beata Teresa de Calcutá – hauriram a sua capacidade de amar o próximo, de modo sempre renovado, do seu encontro com o Senhor eucarístico e, vice-versa, este encontro ganhou o seu realismo e profundidade precisamente no serviço deles aos outros. Amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis, constituem um único mandamento.» (*Deus Caritas Est*, 19)

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. Como tenho amado o próximo? Tenho feito alguma coisa para construir uma verdadeira comunhão com as pessoas com quem me dou, nos grupos de que faço parte, na minha paróquia, na equipa?
2. Que próximos tenho amado? Tenho a preocupação de não me fechar num pequeno grupo onde me sinto bem e acolho o próximo, qualquer que seja a sua condição?
3. Como tenho cultivado um espírito de sacrifício pelo próximo? Sendo cristão, procuro estar ao serviço dos outros, no dia a dia, na vida da minha paróquia, numa instituição? Como tento combater as injustiças sociais do nosso tempo?
4. Como tem sido a minha relação com a minha família, principalmente com os meus pais? Tenho aceitado as correções que me fazem e os conselhos que me dão? Ou tenho sido um típico adolescente que prefere contrariar tudo o que dizem?

PONTOS DE ORAÇÃO

1. Ler os dez mandamentos (Deuteronomio 5, 6-21) e fazer um exame de consciência a partir do texto bíblico. É bom preparar o coração, tomando consciência da presença de Deus, ler com atenção e repetidamente o texto bíblico, e perguntar o que Deus me querará dizer hoje com a sua lei.

2. Rezar as palavras de Jesus em João 15, 9-17, tendo presente que amar o próximo verdadeiramente é amá-lo segundo a medida de Jesus, ou seja, com um amor totalmente gratuito. Tentar perceber, a partir do texto, se as minhas amizades estão preenchidas deste amor gratuito ou se me tenho virado para mim próprio, à procura de me sentir amado.

3. Rezar a parábola do bom samaritano (Lucas 10, 29-37), pondo-me dentro do texto, diante da Palavra de Jesus, procurando encontrar na minha vida situações concretas em que posso ser o próximo de alguém.

PROPOSTA PONTO DE ESFORÇO

Ler a 1ª Carta de São João. Ler os números 16, 17 e 18 da Encíclica *Deus Caritas Est*.

REFERÊNCIAS

YOUCAT 367, 378, 400, 426, 452, 462 e 465.

CATECISMO 2052-2082, 2197, 2258, 2331, 2461, 2464, 2514, 2534.

ORAÇÃO FINAL | SALMO 118 (119), 9-16

Como há-de o jovem manter puro o seu caminho? *

Guardando as vossas palavras.

De todo o coração Vos procuro, *

não me deixeis afastar dos vossos mandamentos.

Conservo a vossa palavra dentro do coração, *

para não pecar contra Vós.

Bendito sejais, Senhor, *

ensinai-me os vossos decretos.

Enuncio com os meus lábios *

todos os juízos da vossa boca.

Sinto mais alegria em seguir as vossas ordens *

do que em todas as riquezas.

Hei-de meditar nos vossos preceitos *

e olhar para os vossos caminhos.

Em vossos decretos ponho as minhas delícias, *

não hei-de esquecer a vossa palavra.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo *

Como era no princípio, agora e sempre. Ámen.

PONTO DE ESFORÇO _____

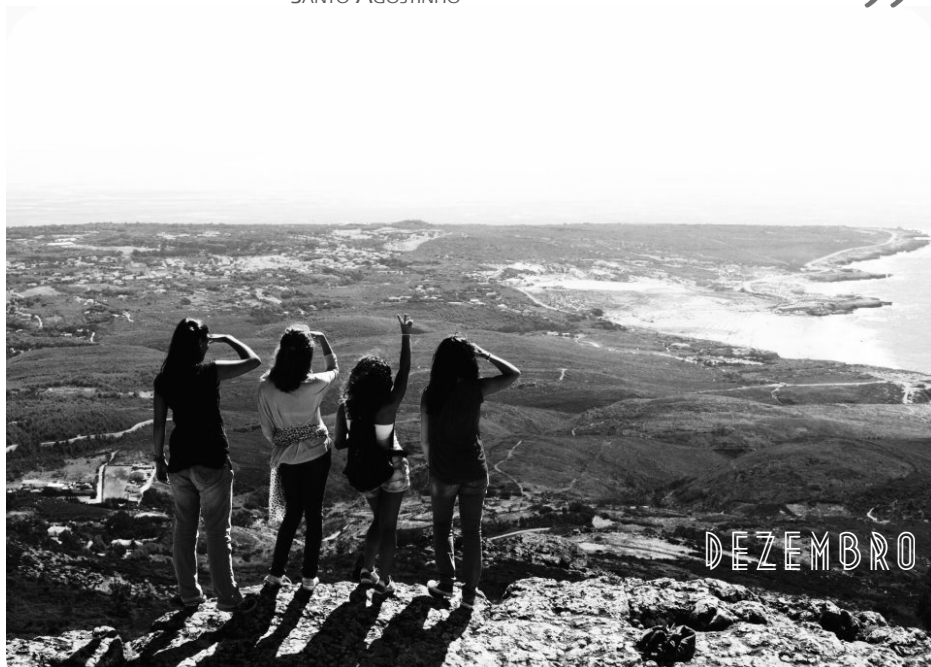
PRÓXIMA REUNIÃO _____

“

O Credo seja para ti como um espelho! Mira-te nele, para ver se realmente crês em tudo o que defines como fé. E alegra-te cada dia na tua fé!

SANTO AGOSTINHO

”



DEZEMBRO

O CREDO

«...E ENCARNOU PELO ESPÍRITO SANTO, NO SEIO DA VIRGEM MARIA, E SE FEZ HOMEM...»

«Disseram-lhe, então: ‘Que havemos nós de fazer para realizar as obras de Deus?’ Jesus respondeu-lhes: ‘A obra de Deus é esta: crer naquele que Ele enviou.’»

(Jo 6, 28-29)

Quando começava o Ano da Fé, há pouco mais de um ano, o Papa Bento XVI convidava-nos a meditar nesta resposta de Jesus, concluindo que «crer em Jesus Cristo é o caminho para se poder chegar definitivamente à salvação» (cf. *Porta Fidei*, 3). Por isso mesmo desafiou-nos a aprofundarmos a nossa fé, fazendo deste Ano da Fé uma autêntica peregrinação até Jesus.

O Papa não quis que nos lançássemos ao caminho cada um por si, quis que peregrinássemos em Igreja e, assim, deu-nos a todos o mesmo mapa: o **Credo**, precisamente porque nesta Oração não encontramos a fé de cada um no seu Deus, mas sim encontramos a fé da Igreja em Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

É o que nos explica o Catecismo: «Quem diz ‘Creio’ afirma: ‘dou a minha adesão àquilo em que **nós** cremos’. A comunhão na fé tem necessidade duma linguagem comum da fé, normativa para todos e a todos unindo na mesma confissão de fé» (Catecismo da Igreja Católica, 185).

Já nos primeiros anos do Cristianismo, a Igreja nascente exprimia e transmitia a sua fé – o seu *credo* – por meio de fórmulas breves, que serviam como regra de fé para quem se tornava cristão.

São Paulo, nas suas cartas, deixou-nos muitas dessas *sínteses*, por exemplo, na sua carta aos cristãos de Corinto: «Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas e depois aos Doze» (1Cor 15, 3-5).

No entanto, a Igreja bem cedo sentiu também a necessidade de especificar o essencial da sua fé em resumos esquematizados, destinados sobretudo aos candidatos ao Batismo. Com efeito, «a primeira profissão de fé faz-se por ocasião do Batismo. E, uma vez que o este sacramento é conferido em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, as verdades da fé professadas por ocasião do Batismo articulam-se segundo a sua referência às três pessoas da Santíssima Trindade» (Catecismo da Igreja Católica, 189).

Neste mês de Advento, enquanto a Igreja espera Jesus, é bom termos tempo para darmos mais um passo na resposta ao convite do Papa para “realizarmos as obras de Deus”, como dizíamos logo no princípio. E, para isso, é preciso que nos foquemos n’Aquele que

o Pai enviou, n'Aquele que encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e se fez homem.

Na verdade, nós cristãos cremos que, em Jesus, Deus faz-se verdadeiro homem e permanece verdadeiro Deus. Para a fé, é um princípio básico Jesus ser totalmente Deus e totalmente homem; o facto de ele ser Deus não subtrai absolutamente nada à sua condição humana. Isto, com efeito, distingue-nos de todas as outras religiões. Nós temos um Deus-connosco, tal como anunciava o profeta Isaías: «A virgem conceberá e dará à luz um filho, e o seu nome será Emanuel» (Is 7, 14), que significa Deus-connosco.

O nascimento deste Deus-connosco, tendo acontecido uma vez na História, é celebrado com grande tradição pelos cristãos, ano após ano, na festa do Natal. Isto não significa que em cada Natal finja viver um acontecimento que, diretamente, já pouco tem a ver connosco porque aconteceu há tantos anos. Na verdade, esse acontecimento, sendo histórico, é muito mais do que apenas história porque é o acontecimento em que a salvação, o **encontro definitivo entre Deus e a humanidade**, começa a ganhar forma. E isso é maior que a própria história. Assim se pode compreender também a nossa festa do Natal, que põe em destaque estas duas dimensões.

O cardeal belga Godfried Danneels explica-o bem, numa carta que escreveu há alguns anos aos cristãos da sua diocese:

«A festa do Natal tem dois grandes momentos: a noite e o dia, a missa da meia-noite e a missa do dia. Entre nós, quase toda a atenção se focaliza sobre a noite. Gostamos de ver o Menino no presépio com Maria, José e os pastores. A Igreja do Ocidente é cativada pela humanidade de Jesus. Ela não se cansa de se maravilhar com o facto de que Deus infinitamente grande se tenha dignado vir até nós, nas palhas de uma manjedoura. É o grande mistério. “*Vinde, boa gente, maravilhai-vos aqui...*” diz um velho canto de Natal.

Todos os nossos pintores se têm debruçado com ternura sobre este quadro. Muitos poetas têm cantado o Deus que se faz pequenino: a sua humanidade e a sua bondade. E as coisas não mudaram nos nossos dias. E a noite de Natal continua a ser a nossa preferida.

E, contudo, o Natal tem também outra celebração, a do dia. Aqui já não se trata nem do menino, nem de Maria, nem dos pastores. Aqui lê-se o majestoso prólogo do Evangelho de São João. Relativo ao Verbo que no princípio estava com Deus, que era o próprio Deus. Porque o menino do presépio é também o próprio Filho de Deus. Aquele que se fica pela noite de Natal não é senão meio ‘homem de Natal’. As Igrejas do Oriente fizeram precisamente deste outro aspeto o centro da sua celebração: aqui não há apenas um menino, aqui há o próprio Filho de Deus. Aqui não se trata apenas de simpatia e ternura; aqui é necessário adorar. Portanto, mais do que admiração: adoração e fé.»

Diante desta realidade tão grandiosa, é normal perguntarmo-nos porquê. Por que é que o Verbo se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1, 14)? O próprio Credo ajuda-nos a

compreender, quando afirma «por nós homens e para nossa salvação, desceu dos Céus». A partir daqui, podemos distinguir três razões.

1. Em primeiro lugar, como dizíamos, Deus fez-se homem **para nos salvar, reconciliando-nos com Deus**, uma vez que a nossa natureza decaída pelo pecado precisava de ser curada, elevada e ressuscitada por alguém em tudo igual a nós, exceto no pecado. A este respeito, diz-nos São Pedro: «Suportou os nossos pecados no seu corpo sobre o madeiro da cruz, a fim de que, mortos para o pecado, vivamos para a justiça. Pelas suas chagas fomos curados» (1Pe 2, 24). E o Concílio Vaticano II ensina: “Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado” (Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, 22).

2. Por outro lado, dizemos também que o Verbo se fez carne **para que conhecêssemos o amor de Deus** tal qual ele é. «Assim se manifestou o amor de Deus para conosco: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que vivamos por Ele» (1Jo 4, 9). De facto, tudo em Jesus é revelação do amor de Deus, desde as suas palavras e ensinamentos até aos seus milagres e gestos humanos.

Como ele próprio disse: “quem me vê, vê o Pai” (Jo 14, 9). Por esta razão, Jesus é o nosso modelo de santidade. Assumindo em si mesmo as bem-aventuranças, Jesus ensina-nos a amarmo-nos uns aos outros como Ele nos amou. Temos n’Ele o modelo do homem novo e, «na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente» (GS, 22). É o Deus feito homem que nos esclarece quem é, de facto, o próprio homem, precisamente porque «trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado» (GS, 22).

3. Do mesmo modo, cremos que o Verbo se fez carne **para nos tornar participantes da natureza divina**. Uma vez que em Jesus «a natureza humana foi assumida e não destruída, por isso mesmo também em nós ela foi elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem» (GS, 22). Com efeito, Jesus, ao tomar a iniciativa de se dar totalmente a si mesmo, oferece ao homem a possibilidade de se tornar, com Ele, filho de Deus.

Por fim, há ainda dois últimos aspectos sobre o **Natal** que é importante não esquecermos.

1. Em primeiro lugar, como todos os momentos da vida de Jesus e da vida da Igreja, também o nascimento de Jesus ganha um sentido novo e mais rico quando o olhamos a partir da Páscoa.

Pela encarnação, Deus assume a condição do homem tal como o homem está depois do primeiro pecado, ou seja, em estado de *paixão*. Fá-lo num ato de amor que é também por isso compaixão, como se vê na beleza de um hino que nos deixou São Paulo:

«Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz.

Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.» (Filip 2, 6-11)

A Páscoa é, de facto, inseparável do mistério de Deus feito homem, eles são um só, uma vez que a encarnação culmina na morte de Jesus que é já, por sua vez, manifestação da Páscoa e o início do seu retorno glorioso para Deus Pai.

2. Em segundo lugar, é fundamental que aprendamos com Maria, mãe de Jesus e nossa mãe, qual é a atitude própria – e a única atitude que faz sentido num cristão – perante este Deus que quis descer à nossa humanidade.

É dizer apenas: “Eis a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). Esta resposta tão simples de Nossa Senhora enriquece depois quando canta o *Magnificat*: De uma forma pura e autêntica, Maria reconhece toda a sua experiência de fé, inserindo-a na história de Deus com os homens:

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. Um mês depois do fim do ano da fé, que balanço faço deste ano que passou? O que fiz para ‘realizar as obras de Deus’ e aprofundar o meu acreditar em Deus? Consegui sair da minha fé pessoal, abrindo-me cada vez mais à fé da Igreja? Tentei esclarecer com alguém as minhas dúvidas e incertezas em relação à minha fé? Ou contentei-me com crenças vagas?

2. Neste Natal, em que é que me concentro? Fico-me pela humanidade e ternura de Jesus? Consigo ir para além disso e reconhecer naquele menino do presépio o próprio Deus? Ou nem sequer esqueço os presentes, as luzes e a agitação normal deste tempo?

3. Olho para Jesus como um modelo de vida e santidade? Acredito que só numa relação pessoal, real e honesta com Ele é que me vou conhecer a mim próprio? Tenho vivido este Advento consciente de que me preparo para celebrar o nascimento do menino-

Deus, que nos abre a porta da verdadeira santidade? Quero isso para mim?

PONTOS DE ORAÇÃO

1. Rezar as palavras de Nossa Senhora no Magnificat e, depois, procurar na minha vida e na minha história os motivos que tenho para, como Maria, dar glória a Deus e me alegrar com Ele e com o seu Filho que me é dado neste Natal.

2. Meditar no encontro dos magos com o Menino (Mt 2, 1-12), pedindo a Deus que me ajude a perceber o qual é o ouro, o incenso e a mirra que Lhe posso dar e tentando perceber se vivo movido pela mesma fé que levou os magos do Oriente a procurá-’O.

3. Dar algum tempo para ler e rezar as leituras das missas de Natal, perguntando-me o que querará Jesus dizer-me por meio destas leituras que a Igreja escolheu para mim.

PROPOSTA PONTO DE ESFORÇO

Ler as homilias da missa da noite e da missa do dia do Papa e do nosso bispo.

REFERÊNCIAS

YOUCAT 9, 24, 74, 76, 77 | CATECISMO 185, 456.

ORAÇÃO FINAL MOSTRA-NOS O TEU ROSTO

Senhor Jesus,

Tu apareceste entre nós, homem entre os homens.

Porque ouvimos a tua palavra e podemos ver as tuas obras
somos atraídos para Ti.

Tu és também o próprio Filho de Deus.

Tu pedes-nos que creiamos em Ti.

Não podemos, a menos que nos envies o teu Espírito:

Ele mostrar-nos-á quem Tu és.

Senhor Jesus, ensina-nos a conhecer-Te tal como és realmente:

um homem a quem nos prendermos,

o Filho de Deus em quem acreditar.

Amen!

PONTO DE ESFORÇO _____

PRÓXIMA REUNIÃO _____

NOTAS

AGRADECIMENTOS

Para este caderno de temas de 2013 não podíamos deixar de agradecer a todos aqueles que contribuíram para a sua realização. Fizeram-no por amor e serviço ao Movimento, onde cada um aprendeu muito, desejando também que cada equipista possa chegar mais perto de Jesus, da Igreja e da sua missão.

Agradecemos ao Padre Vítor Feytor Pinto, Assistente de Lisboa em 1977/78, e ao Padre José Manuel Pereira de Almeida, Assistente de Lisboa 1999/2000, Assistente Internacional em 2005, e novamente de Lisboa 2010/2012, pelo entusiasmo com que aceitaram o desafio;

Ao Padre Valter e Padre Duarte Andrade e Sousa, Assistente Nacional e Assistente de Lisboa, respetivamente, das Equipas de Jovens de Nossa Senhora, pela amizade e entrega que tem demonstrado;

Aos seminaristas Luís Trocado, Miguel Vasconcelos e Tiago Fonseca, equipistas, que através da sua sabedoria também colaboraram na realização dos temas;

À Teresa Alarcão e ao Rodolfo Nona, pela preciosa ajuda na construção do caderno, especialmente na escolha das fotografias e frases de introdução aos temas;

À Patrícia Madeira Rodrigues, casal da L186 há 8 anos, pelo apoio na revisão dos temas do caderno;

À Inês Monteiro, pelo óptimo trabalho na realização da capa deste caderno;

À Fátima e ao António Carioca, Casal Assistente Nacional que nos acompanham desde 2012 e que têm sido um grande apoio e exemplo de entrega para todos nós;

À Helena Alarcão, pela dedicação na coordenação deste grande projecto;

À Marta Figueiredo, responsável nacional, pela sua motivação e empenho neste Movimento;

A Jesus, a quem nos entregamos, pois é Ele que nos faz estar nas ejNS!

Este caderno é parte integrante do jornal "PARTILHA" n.º 282



ANO DA FÉ 2012
2013